

Flávia Rodrigues Lima da Rocha
Maycon David de Souza Pereira (Orgs.)

CADERNO DE RESUMOS

11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro



**Flávia Rodrigues Lima da Rocha
Maycon David de Souza Pereira (Orgs.)**

CADERNO DE RESUMOS

11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**





11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro



20
anos

Caderno de Resumos da 11ª Semana em Favor de Igualdade Racial: “Nada Sobre Nós Sem Nós: Acesso, Permanência e Protagonismo Negro”

Flávia Rodrigues Lima da Rocha, Maycon David de Souza Pereira (org.)

ISBN 978-85-8236-160-3 • *Feito Depósito Legal*

Copyright@Edufac 2025

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac)

Rod. BR 364, Km 04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre // edufac@ufac.br

Editora Afiliada



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Diretor da Edufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Edufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial (Consedufac)

Alanderson Alves Ramalho, Alcides Loureiro Santos, Ângela Maria Poças (vice-presidente), Carlos Eduardo Garção de Carvalho, Cláudio Luiz da Silva Oliveira, Daniel Queiroz de Sant'Ana, Ewerton Ortiz Machado, Gilberto Mendes da Silveira Lobo (presidente), Giselle Xavier d'Ávila Lucena, José Mauro Souza Uchôa, Karlla Barbosa Godoy, Leonardo Lani de Abreu, Manoel Coracy Saboia Dias, Pierre André Garcia Pires, Rosane Garcia Silva, Vagne de Melo Oliveira

Comissão Técnico-Científica 11ª Semana Em Favor de Igualdade Racial (Sefir-Neabi/Ufac)

Profa. Esp. Ana Ingridy Silva Rodrigues, Profa. Me. Andressa Queiroz da Silva, Profa. Dra. Flávia Rodrigues Lima da Rocha, Profa. Ma. Geovanna Moraes de Almeida, Profa. Esp. Ló-Ruama Íllary Freires Pereira, Profa. Dra. Sara da Silva Pereira

Coordenadora Comercial • Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico • Arte da Capa

Maycon David de Souza Pereira

Andressa Queiroz da Silva

Geovanna Moraes de Almeida

Kaliny Custodio do Carmo

Maycon David de Souza Pereira

A revisão textual e das normas técnicas é de responsabilidade dos autores.

Universidade Federal do Acre

Biblioteca Central

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122c Caderno de Resumos da 11ª Semana em Favor de Igualdade Racial: “Nada Sobre Nós Sem Nós: Acesso, Permanência, Protagonismo Negro” [recurso digital] / organizadores Flávia Rodrigues Lima da Rocha, Maycon David de Souza Pereira. – Rio Branco: Edufac, 2025.
55 p. [1,1 KB]

ISBN: 978-85-8236-160-3

Vários autores.

1. Igualdade racial. 2. Negros. 3. Indígenas. 4. Memória. I. Rocha, Flávia Rodrigues Lima da (org.). II. Pereira, Maycon David de Souza (org.). III. Título.

CDD: 305.89



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
GRUPO DE TRABALHO: HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	10
RESERVA DE VAGAS PARA PESSOAS NEGRAS (PRETAS E PARDAS) NA UFAC: UM OLHAR SOBRE O CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA (2020-2023)	11
Athina Magalhães Alves	
MÁSCARAS AFRICANAS NA DISCIPLINA DE ARTES: UMA POSSIBILIDADE DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E ERER NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	12
Beatriz Domingos da Silva	
ESTUDANTES NEGROS VINCULADOS AO PROJETO AFROCIENTISTA NO ESTADO DO PARÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	13
Caroline das Graças dos Santos Ribeiro	
Nicelma Josenila Costa de Brito	
REIS, HERÓIS E AS RUAS: UM ESTUDO SOBRE AS ARTES BASQUIATIANAS NA PERSPECTIVA DA METANEGRITUDE.....	14
Christopher Rive St Vil	
IMPÉRIOS E REINOS AFRICANOS: DESMISTIFICANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA COM ALUNOS/AS DA 1ªSÉRIE DO ENSINO MÉDIO	15
Ellen Cristina Setubal Brito	
A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) DE HISTÓRIA, NÚCLEO 3: MOBILIZAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003 e 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA	16
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
Geovanna Moraes de Almeida	
Ló-Ruama Íllary Freires Pereira	
O FUNK NÃO É MODISMO, É UMA NECESSIDADE: O FUNK COMO RESPOSTA A VIOLÊNCIA RACIAL.....	17
Gabrielle Sobralino Ferreira	
PERCURSO DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003: APONTAMENTOS PRELIMINARES DA EXPERIÊNCIA DAS ESCOLAS EM MARITUBA-PA	18
Ihoranny Carollany Cardoso Magno	
João Paulo Siqueira de Medeiros	
Nicelma Joselina Costa de Brito	



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE ÁFRICA A PARTIR DA INSERÇÃO EM UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO	19
Josecley de Paula Alves	
Nicelma Josenila Costa de Brito	
CRUZANDO O ATLÂNTICO: UM OLHAR SOBRE ATUAÇÃO FEMININA NEGRA EM CABO VERDE	20
Kalinky Custodio do Carmo	
OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO FONTE HISTÓRICA: UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA	21
Karen Kristina Araújo Vasconcelos	
PRÁTICAS EM ERER NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SEUS IMPACTOS NA IDENTIDADE DE ESTUDANTES NEGROS(AS): UM ESTUDO DE REVISÃO.....	22
Ló-Ruama Íllary Freires Pereira	
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA-PA: APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DOS MARCOS LEGAIS	23
Maria Alessandra Cabral Martins	
Amanda Oliveira dos Reis	
Nicelma Josenila Costa de Brito	
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E REPERTÓRIOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DOS ARTEFATOS CULTURAIS DE MATRIZ AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.....	24
Marlina Oliveira	
AS RELAÇÕES DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES NO REFERENCIAL CURRICULAR DE RONDÔNIA (RCRO): ENTRE SILENCIAMENTOS E PERSPECTIVAS.....	25
Raquel Santos de Souza	
A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NA PSICOLOGIA ESCOLAR: VOZES E VIVÊNCIAS DE MENINAS E MULHERES INDÍGENAS	26
Thais Santos da Cruz	
A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROGRAMA “A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS” (AFROEXT).....	27
Thiago Wesley da Silva Lima	
Evellyn Cristina Albuquerque Rates	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL POR MEIO DE AULA DE CAMPO NO FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA EM COSTA MARQUES/RO.....	28
Wilson da Silva Teodoro	



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: RELAÇÕES POSSÍVEIS29

A POTÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE
MENINOS NEGROS NA SEGUNDA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR
A PARTIR DE CURITIBA30

Alice Maria Costa
Lucas Carvalho de Lima

A LITERATURA DE TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: UMA
EXPERIENCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS.....31

Ana Ingridy Silva Rodrigues
Beatriz Domingos da Silva

A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS COM PROTAGONISMO NEGRO EM UMA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA DE CURITIBA32

Ana Paula Vieira da Silva
Lucas Carvalho de Lima
Taina do Rosário Robinson

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA PARA AS
INFÂNCIAS: POSSIBILIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS33

Bruna de Oliveira Andronic
Wivian Graciela Meneguetti de Souza

LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO,
ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL
.....34

Bruna Moraes Battistelli
Genecir dos Santos Barreto Josviak
Wivian Graciela Meneguetti de Souza

LITERATURA NEGRA AFROREFERENCIADA PARA CRIANÇAS, DESDE BEBÊS,
NO CONTEXTO DAS CRECHES MUNICIPAIS DE MACAPÁ.....35

Cleidiane Colins Gomes

LEI 10.639/03: DESAFIOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL36

Érika Santos

"TIA, OLHA! O MEU CABELO É IGUAL O SEU": NEGRITUDE E AFETIVIDADES
EM FOCO EM UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS
PEQUENAS E BEM PEQUENAS37

Geovanna Moraes de Almeida
Ellen Cristina Setubal Brito

MINHA HISTÓRIA, MINHA COR: CONSTRUINDO IDENTIDADE E LAÇOS DE
RESPEITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....38

Ingra Marcellly Silva de Oliveira



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

CONVITE AO DIÁLOGO E À CONSCIENTIZAÇÃO DO TRABALHO DA ERER ATRAVÉS DA LITERATURA	39
Isabella Coelho dos Santos	
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA AS INFÂNCIAS COMO GARANTIA DO DIREITO À IDENTIDADE E À NÃO DISCRIMINAÇÃO	40
Nina Gabriela Lima de Araújo	
CONTAR E RECONTAR É UM FAZER VIVER ETERNAMENTE, A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DE OS TESOUROS DE MONIFA, DE SÔNIA ROSA	41
Rafaella Oliveira	
Amanda Crispim Ferreira	
LITERATURA NEGRA PARA AS INFÂNCIAS: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS PEQUENAS?	42
Sara da Silva Pereira	
UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM A PARTIR DE LITERATURA AFROCENTRADA NA INFÂNCIA: OLELÊ - UMA ANTIGA CANTIGA DA ÁFRICA	43
.....	
Sheyla Oliveira da Silva	
LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS	44
Vanessa Cristtine da Cruz Caovilla	
GRUPO DE TRABALHO: TRANSGREDINDO A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: POSSIBILIDADES DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA NO ENSINO DE LÍNGUA(GENS).....	45
BNCC, GÊNEROS TEXTUAIS E LEI 10.639/2003: TRANSGREDINDO O PLANO DE CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ESTADO DO ACRE	46
Andressa Queiroz da Silva	
ADINKRAS NA/EM SALA DE AULA: UMA LINGUAGEM AFRICANA COMO POSSIBILIDADE DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE LÍNGUA(GENS)	47
Beatriz Domingos da Silva	
MODALIZAÇÃO E POSICIONAMENTO EM TEXTOS DA ESFERA JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO A PARTIR DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	48
Bianca Lima de Arruda	
CHECAGEM DE FATOS E COMBATE AOS ESTEREÓTIPOS NAS FAKE NEWS..	49
Bruna Giovanna da Silva Dantas Vieira	



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE NO ENSINO DE ESPANHOL EM RIO BRANCO, ACRE: PROTAGONISMO FEMININO NEGRO LATINO-AMERICANO EM FOCO	50
Jucileide Souza da Silva	
ORIGEM DA HUMANIDADE SOB MÚLTIPLOS OLHARES: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ÉTNICO-RACIAL COM NARRATIVAS CIENTÍFICAS E INDÍGENAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	51
Liriel Ferreira da Silva	
OFICINA “QUEM NÃO SABE PODE APRENDER”: CONHECENDO AS SIMBOLOGIAS ADINKRAS	52
Maycon David de Souza Pereira	
DESCONSTRUINDO RACISMOS E PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS: UMA CONVERSA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	53
Milene Rodrigues de Lima	
O GÊNERO TEXTUAL FANZINE E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL	54
Natália Keully de Lima	



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

APRESENTAÇÃO

*“É só por isso
Que ainda estamos vivos
Nós somos a única coisa que nós temos”
(Da Costa; Pereira et al., 2021)*

O tema da 11ª Semana Em Favor de Igualdade Racial (Sefir) da Universidade Federal do Acre (Ufac) – “Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro”, enuncia a luta ancestral, coletiva e histórica dos Movimentos Negros pelo direito de falar por si, acessar os espaços de educação formal, permanecer e de participar ativamente da construção das políticas, saberes e práticas que dizem respeito às suas próprias existências.

Nesta edição, este evento reafirmou o compromisso com a construção de diálogos com saberes que testemunham a resistência e memória da população negra, educando e reeducando para a construção e a esperança de uma sociedade verdadeiramente democrática, com a materialidade da igualdade racial nas políticas, nos acessos e nas permanências. É nesse viés que o presente Caderno de Resumos reúne os trabalhos apresentados nos grupos de trabalhos que compuseram a 11ª Sefir.

Estes grupos de trabalhos (GTs), por sua vez, possuem alinhamento às linhas de pesquisa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas de Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac), o qual promove este evento há onze anos, tempo que data antes mesmo do fundamento oficial do núcleo, cujo marco inicial diz respeito à sua aprovação no Conselho Universitário da Ufac no dia 22 de novembro de 2018.

Neste ano de 2025, a 11ª Sefir está com três GTs, a saber: GT1 - História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Educação das Relações Étnico-Raciais, coordenado pelas professoras Dra. Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Ufac), Ma. Geovanna Moraes de Almeida (Ufac) e a Esp. Ló-Ruama Íllary Freires Pereira (Ufac); GT2 - Educação das Relações Étnico-Raciais e Literatura para as Infâncias: relações possíveis, coordenado pelas professoras Dra. Sara da Silva Pereira (UFPR) e a Profa. Esp. Ana Ingridy Silva Rodrigues (Ufac); e GT3 - Transgredindo a Educação Linguística: possibilidades de



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

história e cultura afro-brasileira no ensino de língua(gens), sob coordenação da professora Ma. Andressa Queiroz da Silva (Ufac).

Tais GTs agregaram trabalhos que evocaram e expressaram a potência das vozes negras e aliadas à luta pela defesa das Políticas de Igualdade Racial e combate a superação de todas as formas de racismo e discriminação racial, estando aqui concentrados os resumos que compuseram e fortaleceram este evento.

As discussões suscitadas são de extrema urgência e relevância para pensarmos formas de promover igualdade racial em todas as frentes que estejamos inseridas(os). Por isso, nós da Comissão Organizadora da 11ª Sefir desejamos que este material sirva de inspiração, aperfeiçoamento de estudos e produções de reflexões antirracistas que mobilizaram este evento, fortalecendo o compromisso de todas as pessoas com a construção de um Brasil livre de racismo.

Nossos passos vêm de longe e se permanecermos juntas(os), chegaremos mais longe ainda.

Boa leitura!

Profa. Ma. Geovanna Moraes de Almeida

Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac).

Licenciada em História. Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Mestra em Letras: Linguagem e Identidade - todos pela Universidade Federal do Acre (Ufac)

Profa. Dra. Flávia Rodrigues Lima da Rocha

Professora da Universidade Federal do Acre
Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre
(Neabi/Ufac).
Coordenadora da 11ª Semana Em Favor de Igualdade Racial

GRUPO DE TRABALHO HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



COORDENAÇÃO:
Profa. Dra. Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Neabi/Ufac)
Profa. Ma. Geovanna Moraes de Almeida (Neabi/Ufac)
Profa. Esp. Ló-Ruama Íllary Freires Pereira (Neabi/Ufac)



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

RESERVA DE VAGAS PARA PESSOAS NEGRAS (PRETAS E PARDAS) NA UFAC: UM OLHAR SOBRE O CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA (2020- 2023)

Athina Magalhães Alves¹

Esta pesquisa tratou sobre ações afirmativas de reserva de vagas para pessoas negras (pretas e pardas) no Curso de Licenciatura em História - Matutino da Universidade Federal do Acre/Ufac entre os anos de 2020 e 2023. A justificativa é resultado de um interesse pessoal amadurecido durante a graduação, a partir da constante exposição a questões de igualdade racial, através do Neabi/Ufac. O estudo é socialmente relevante, pois analisa as ações afirmativas como ferramenta essencial para o combate às desigualdades históricas. A pesquisa, portanto, contribui para o debate acadêmico sobre políticas públicas e oferece subsídios para futuras investigações. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as ações afirmativas de reserva de vagas para pessoas negras (pretas e pardas) no Curso de Licenciatura em História Matutino da Universidade Federal do Acre no período de 2020 a 2023, cujo metodologia envolveu principalmente a análise de editais de chamamento de matrícula e entrevistas para qualificar a experiência de alunos cotistas. O artigo tem como referencial teórico autores como Feres Júnior, Campos, Daflon e Venturini de (2018), Almeida (2019), Gomes (2019) e Ferreira (2014). Os resultados dos dados coletados nos editais a princípio se mostram satisfatórios no sentido de progressão numérica, por outro lado a dificuldade em encontrar alunos cotistas presentes no curso demonstram que nem todos os chamamentos de matrícula são devidamente preenchidos pelos sujeitos da política. As experiências dos alunos cotistas, captadas através das entrevistas buscaram contribuir para a visibilidade das lutas e resistências cotidianas de alunos negros e suas implicações durante a graduação. As ações afirmativas na Ufac são essenciais para a inclusão de pessoas pretas, pardas e indígenas, mas os desafios dos estudantes indicam a necessidade de melhorias.

PALAVRAS-CHAVE: Ações afirmativas. Lei de cotas 12.712/2012. Licenciatura em História. Universidade Federal do Acre. Reserva de vagas para pessoas negras

¹ Discente de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: athina.alves@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

MÁSCARAS AFRICANAS NA DISCIPLINA DE ARTES: UMA POSSIBILIDADE DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E ERER NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Beatriz Domingos da Silva²

O presente trabalho é um relato de experiência da realização de uma aula de artes para o Ensino Fundamental Anos Finais sobre o objeto de conhecimento “máscaras e adereços teatrais” do 2º bimestre do 8º ano da disciplina de artes. Minha trajetória tem sido um trabalho dedicado a levar cada vez mais para a sala de aula conteúdos que são referentes à temática étnico racial a partir do que o currículo de ensino exige. Assim, o objetivo deste trabalho é dar visibilidade para uma possibilidade de atuação com a ERER na Educação Básica realizando a inserção da temática dentro do currículo exigido. A metodologia utilizada foi uma aula expositiva e dialogada com a utilização de slides e no presente trabalho a metodologia utilizada é o relato de experiência. Utilizou-se dos referenciais teóricos que dialogam sobre o trabalho com as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras como Nilma Lino Gomes (2012) e Kabengele Munanga (2012), assim como também dialogam sobre práticas pedagógicas que envolvem a educação das relações étnico-raciais. Durante a aula ocorreu a apresentação do conteúdo referente as máscaras africanas, como a sua origem, usos e significados, além disso, após essa apresentação também foi realizada uma parte prática, no qual foram feitas pinturas de diversas máscaras africanas e o embrulho de caixas de papelão de diferentes formatos ao qual foram coladas as máscaras pintadas pelos alunos, para serem apresentadas no dia da culminância do projeto étnico-racial da escola. Podemos inferir, que levar o assunto sobre máscaras africanas em sala de aula é algo que pode ser utilizado para desmistificar conhecimentos estereotipados sobre as máscaras e seus usos, assim como foi possível valorizar a cultura africana, seus saberes e importância.

PALAVRAS-CHAVE: Máscaras africanas. Artes. Educação Básica.

² Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Acre (SEE/AC). Mestra em Educação, Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: beatrizufac@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

ESTUDANTES NEGROS VINCULADOS AO PROJETO AFROCIENTISTA NO ESTADO DO PARÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Caroline das Graças dos Santos Ribeiro³
Nicelma Josenila Costa de Brito⁴

O presente trabalho objetiva situar a relevância e a potência do Projeto Afrocientista, no qual estudantes negros/as da Escola Básica são inseridos/as. Sua justificativa ampara-se na relevância da promoção de letramento racial junto aos/as adolescentes e jovens negros/as, periféricos/as, em condições de vulnerabilidade social. O trabalho consiste em um relato de experiência contemplando vivências a partir do Projeto Afrocientista, articuladas às questões étnico-raciais. O contato ocorreu durante a 5^a edição do projeto, realizada na cidade de Belém, no Estado do Pará, em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), com financiamento do Instituto Unibanco e sob coordenação nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Os dados que integram este trabalho advêm do relato dos/as estudantes quanto à sua inserção no Afrocientista, a importância do projeto em suas experiências, o letramento racial e a realidade relacionada à possível entrada na universidade. Os dados foram interpretados mediante as formulações de Juarez Dayrell (2007), bem como Wilma Coelho e Carlos Silva (2017, 2019), no que tange à cultura juvenil e as relações de sociabilidades tecidas entre estes/as. Os/as integrantes da 5^oedição do projeto são todos/as pretos/as e pardos/as, com idades entre 14 e 19 anos, estudantes do Ensino Médio, cursado em escolas públicas do Estado do Pará. As atividades aconteceram mediante palestras, oficinas e rodas de conversa, com especialistas de diversos campos do conhecimento, todas voltadas para a educação e letramento sobre as relações étnico-raciais. Os/as estudantes afirmaram que o Projeto contribuiu para a vida pessoal e acadêmica, assim como para compreensões sobre o pertencimento racial, consciência e afirmação da sua identidade. O Projeto Afrocientista apresenta impactos positivos na vida dos/as estudantes da Escola Básica e contribui para aproximar e letrar, no que tange aos debates sobre o racismo, discriminação e preconceito racial.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Básica. Estudantes. Letramento Racial.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: caroline.san.rib.20@gmail.com.

⁴ Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutora e mestra em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: nicelma.brito@ufra.edu.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

REIS, HERÓIS E AS RUAS: UM ESTUDO SOBRE AS ARTES BASQUIATIANAS NA PERSPECTIVA DA METANEGRITUDE

Christopher Rive St Vil⁵

Quando se fala da produção literária e artística de escritores e artistas de pele negra, há sempre um contraponto à modernidade eurocêntrica, pois a forma pela qual se avalia e recebe suas obras é bem diferente daquela destinada aos privilegiados pelo sistema canônico das artes e da literatura. Na experiência estética, privilegia-se uma abordagem de valor, no entanto, nos últimos anos, os escritores e os críticos mostram que, desarmando o pensamento moderno ocidental e opondo-se a essa retórica, as obras literárias e artísticas não contêm uma valoração inata, de preferência, estas carregam em si sentido pluriversal. Neste intuito, torna-se indispensável analisar na perspectiva da metanegritude (St Vil, 2024) as pinturas e os grafites de Jean-Michel Basquiat (1960-1988) a fim de mostrar e compreender suas lutas contra o racismo, o colonialismo, a desigualdade, e de que maneira suas artes desconstruem e rompem com os ideários estéticos: *Boone* (1983); *Acque Pericolose (Poson Oassis)* (1981); *Early Mosses* (1982) e *Disography I* (1983). Para problematizar a construção das artes basquiatianas, tem-se como aporte as reflexões de Achille Mbembe (2013), Bell Hooks (2023), Jennifer Clement (2014), Georges Didi-Huberman (2010; 2015) e Terry Eagleton (1993). Como conclusões parciais, para desconstruir a ideologia estética, nota-se que as artes basquiatianas nos desafiam a explorar o cerne das trevas, a mover nossos olhos para além do olhar colonizador, para considerar o mundo do negro familiar tanto como os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Michel Basquiat. Metanegritude. Experiência estética

⁵ Professor na Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (POSLIT/UFF). Mestre em Estudos de Literatura pela UFF. Graduado em Letras – Português e Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: christopherrivestvil@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

IMPÉRIOS E REINOS AFRICANOS: DESMISTIFICANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA COM ALUNOS/AS DA 1ªSÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Ellen Cristina Setubal Brito⁶

O trabalho aqui proposto busca apresentar uma discussão a respeito do ensino de História da África, sob a temática “Impérios e Reinos Africanos” em aulas lecionadas para turmas da 1ª série do ensino médio em uma escola pública de caráter religioso localizada na cidade de Rio Branco/Ac. A relevância deste tema tem como base a necessidade da aplicação de uma nova perspectiva que visa propiciar a desmistificação sobre parte da história dos povos africanos, que por vezes é carregada de estereótipos em razão da presença do racismo na escolarização da população brasileira. Objetivo deste trabalho é o de apresentar a discussão do conteúdo “Impérios e Reinos”, presente no CRUA (2025), realizada com alunos/as da 1ª série do ensino médio. As discussões foram realizadas durante as aulas de história, que ocorreram no 1º semestre de 2025. Este trabalho parte de uma perspectiva decolonial do ensino de história e cultura africana, e possui caráter qualitativo. Sendo realizada a análise de textos produzidos pelos/as alunos/as a respeito das novas informações absorvidas sobre o continente africano. Para tal discussão foram utilizadas as DCNERER (2004), que apresentam as diretrizes que guiam a aplicação de História e Cultura Africana e Afro-brasileira para a educação. Nascimento (2008), que apresenta as discussões a respeito das matrizes africanas e suas influências no Brasil e Unesco (2010), que detalhadamente apresenta uma nova visão sobre a história do continente africano a partir das pesquisas e relatos de intelectuais africanos. Ao longo do processo de escolarização da população brasileira, pouco se foi dedicado ao ensino de História e Cultura Africana, essa decisão faz parte de um projeto de invisibilização dos feitos vividos e realizados pela população negra em África e no Brasil. Romper com esse ciclo é possibilitar a reeducação de alunos/as imersos em uma sociedade racista.

PALAVRAS-CHAVE: História e Cultura Africana. Ensino Médio. Antirracismo.

⁶ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Acre (ProfHistória/Ufac). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). Professora da Educação Básica. E-mail: ellen.brito@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) DE HISTÓRIA, NÚCLEO 3: MOBILIZAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003 e 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Flávia Rodrigues Lima da Rocha⁷
Geovanna Moraes de Almeida⁸
Ló-Ruama Íllary Freires Pereira⁹

Esse trabalho trata das práticas pedagógicas em Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), em acordo com as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, desenvolvidas por participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), núcleo 3, do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, implantado em 2024. A relevância desse trabalho se ancora na perspectiva de notabilizar e difundir práticas pedagógicas que promovam igualdade racial na Educação Básica. O objetivo é mapear práticas pedagógicas em ERER nas sequências didáticas produzidas por participantes do Pibid de História, núcleo 3, articuladas com conteúdos do componente curricular de História do Currículo de Referência Única do Acre (Crua). Para tal, esse trabalho parte da metodologia qualitativa de pesquisa, bem como se vale da análise documental para geração de dados. Como aporte teórico, utilizou-se Gomes (2017), Munanga (2015), Rocha e Silva (2023), Rocha, Almeida e Pereira (2024) para abordar a potencialidade do Movimento Negro como agente educador, bem como a necessidade de transgredir o currículo no combate ao racismo, e para tratar questões referentes ao Ensino de História, partiu-se de escritos de Monteiro, Gasparello e Magalhães (2007) e Bittencourt (2004). Foram identificadas diversas práticas pedagógicas, com destaque para a utilização de obras literárias produzidas por mulheres negras como ferramentas para a compreensão de processos históricos e movimentos de resistência na história do Brasil, adotando uma perspectiva que se contrapõe às narrativas colonizadoras. Outrossim, foi possível observar a abordagem da temática étnico-racial em múltiplos conteúdos e contextos, evidenciando a valorização de trajetórias históricas e culturais da população negra. Diante disso, identificou-se o engajamento do referido Pibid com a ERER ao demonstrarem uma postura crítica capaz de transgredir o currículo e contribuir para a construção de uma educação antirracista, reforçando assim a importância e o potencial transformador do Pibid na formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para as Relações Étnico-Raciais; Pibid; Licenciatura em História.

⁷ Professora na Universidade Federal do Acre (Ufac). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra em Letras – linguagem e identidade e Graduada em Licenciatura em História pela Ufac. E-mail: flavia.rocha@ufac.br.

⁸ Mestra em Letras – linguagem e identidade, Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: almeidag12moraes@gmail.com.

⁹ Professora na Secretaria de Educação do Estado do Acre (SEE/AC). Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: pereiralaruama@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

O FUNK NÃO É MODISMO, É UMA NECESSIDADE: O FUNK COMO RESPOSTA A VIOLÊNCIA RACIAL

Gabrielle Sobralino Ferreira¹⁰

O presente trabalho é fruto do grupo de estudos “Música e Antirracismo” desenvolvido pelo programa PET Educação Antirracista, que mostra a manifestação do racismo estrutural no cenário musical brasileiro, tomando o funk carioca como objeto central de estudo. A sua relevância se mostra pela centralidade da música na formação da identidade dos jovens negros e pela evidente marginalização de ritmos de matriz negra, como o funk. O objetivo principal foi desvelar os mecanismos pelos quais o racismo estrutural opera para inferiorizar e patologizar a cultura funk, compreendendo-o não como um problema isolado, mas como uma expressão da colonialidade do poder e do saber. A metodologia é qualitativa e descritiva, fundamentada em levantamento bibliográfico e análise interpretativa e crítica (Marconi; Lakatos, 2003) de letras e videoclipes selecionados, com enfoque nos sentidos socioculturais produzidos. O referencial teórico baseia-se em Vianna (1990) e Almeida (2019). A análise confirmou a hipótese inicial de que a repulsa ao funk é um sintoma do racismo estrutural. Identificou-se um duplo movimento do ritmo pelo mainstream, esvaziando seu conteúdo político, concomitante à sua, criminalização midiática e polícia quando produzido em suas origens.

PALAVRAS-CHAVE: Funk. Música. Racismo.

¹⁰ Discente de graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre. Bolsista no Programa de Educação Tutorial Educação Antirracista (PET-Educação Antirracista). E-mail: gabriellesobralinoferreira@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

PERCURSO DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003: APONTAMENTOS PRELIMINARES DA EXPERIÊNCIA DAS ESCOLAS EM MARITUBA-PA

Ihoranny Carollany Cardoso Magno¹¹

João Paulo Siqueira de Medeiros¹²

Nicelma Joselina Costa de Brito¹³

O presente resumo aborda acerca da Educação das Relações Étnicas-Raciais (ERER) na Educação Básica, cujo objetivo consiste em analisar o percurso da implementação da Lei Nº 10.639/2003 na cidade de Marituba, no Pará, articulando com os marcos legais, os embasamentos teóricos da área e os registros escolares. A discussão justifica-se em função de constatar uma dicotomia entre os respaldos legais da ERER e a efetiva implementação nas escolas em relação à temática. Os dados advêm de levantamentos bibliográficos que tratam da temática da ERER e da implementação dos marcos legais voltados para a mesma. Também foram realizados levantamentos documentais de marcos normativos como a Lei Nº 10.639/2003; Lei Nº 11.645/2008; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER). Como referenciais teóricos para as discussões, pautamo-nos nos conceitos de *dominação* e *violência simbólica*, de Pierre Bourdieu (1990; 1999; 2007). Os resultados preliminares indicam que as escolas do município de Marituba apresentam, por meio da Secretaria Municipal de Educação de Marituba (SEMED), através do Departamento Pedagógico um documento intitulado “Orientações das atividades de fomento à educação Étnico-Racial” – o qual propõe um Plano de Ação que, uma das suas finalidades, seria de organizar e planejar a Feira Cultural e de promover um evento atrelado a formação de professores, através do “XIII Seminário Nacional e XV Seminário Regional sobre formação de professores/as e Relações Étnico-Raciais”. Portanto, a partir dos resultados preliminares, o município de Marituba demonstra um potencial emergente no que tange na implementação da Lei 10.639/2008 nas escolas, com caráter de institucionalização, por meio dos processos educativos ou na elaboração de projetos e eventos que ressaltem a importância do tema na Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação das Relações Étnico-Raciais. Educação Básica. Marituba-PA.

¹¹ Discente de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: ihorannycardoso@gmail.com

¹² Discente de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: joao.medeiros@discente.ufra.edu.br

¹³ Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutora e mestra em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: nicelma.brito@ufra.edu.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE ÁFRICA A PARTIR DA INSERÇÃO EM UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO

Josecley de Paula Alves¹⁴
Nicelma Josenila Costa de Brito¹⁵

Este estudo objetiva identificar a potência formativa das políticas de ações afirmativas encaminhadas junto à futuros professores. Ele se justifica como sinalização da importância de ações formativas concretizadas, por exemplo, mediante o Programa Caminhos Amefricanos, desenvolvido pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tal programa é destinado à discentes de licenciaturas das universidades públicas de todo o Brasil, que se autodeclararam pretos, pardos e quilombolas, para estudarem sobre as similitudes dos países que fizeram parte da diáspora africana. Foram acionadas e acionados, para este debate, intelectuais negros Wilma Coelho (2013), com as reflexões sobre às relações étnico-raciais e à formação de professores; Nicelma Brito (2011), nos debates sobre escola básica e relações raciais; Lélia Gonzalez (1980), sobre Amefricanidade e Tomaz Tadeu (2014), nas formulações sobre Currículo. Os dados foram obtidos mediante relato de experiências referente à participação no intercâmbio, realizado no período de quinze dias, no mês de dezembro de 2024. O objetivo central desta política consiste em contribuir, produzir, dialogar e combater o racismo e a promoção da igualdade racial no Brasil, assim como promover, estimular e fortalecer as formações iniciais e continuadas na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais. O estudo evidenciou a desconstrução sobre o continente africano. A imersão em Cabo Verde possibilitou a vivência em um país que carrega muitas similitudes com o Brasil, promovendo acesso a uma narrativa que altera compreensões sobre a história e a cultura africana, impactando a constituição identitária de quem acessa tal experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos. Política Afirmativa. Programa Caminhos Amefricanos. Diáspora Africana.

¹⁴ Discente de Graduação em Licenciatura em Letras/Libras na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Docente na Secretaria Municipal de Educação de Belém. E-mail: profespjosecleyalves@gmail.com.

¹⁵ Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutora e mestra em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: nicelma.brito@ufra.edu.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

CRUZANDO O ATLÂNTICO: UM OLHAR SOBRE ATUAÇÃO FEMININA NEGRA EM CABO VERDE

Kaliny Custodio do Carmo¹⁶

Este escrito tem por objetivo trazer um relato de experiência acerca da atuação feminina, observada na cidade de Praia – Cabo Verde, em decorrência da seleção para participação no programa “Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul”, ofertado e financiado pelo Ministério de Igualdade Racial até o país africano. Esta vivência significou muito para minha formação, tanto como pesquisadora, quanto como mulher negra que teve a oportunidade de acessar lugares (e pessoas), até então, inimagináveis. A metodologia adotada neste trabalho é o relato de experiência, baseado em minha vivência direta enquanto intercâmbista. Me anoro nas contribuições de Silva (2012) trazendo à tona as lutas de mulheres cabo-verdianas em busca de melhores condições de vida; de Gomes (1995) tratando sobre as trajetórias e experiências femininas que constroem caminhos e desafiam os limites impostos por estruturas racistas e patriarcais; e de Crenshaw (1889) utilizando da interseccionalidade para tratar sobre como diferentes sistemas de opressão e desigualdade, como o racismo e sexism, se cruzam e interagem na vida de indivíduos e grupos sociais. Durante o intercâmbio pude observar mulheres em diferentes frentes de atuação. Algumas dentro das universidades, ocupando o lugar de professoras e alunas lutando em prol da educação. No Mercado de Sucupira, talvez o lugar mais pulsante da cidade, vi mulheres em movimento constante, vendendo variedades, organizando seus espaços, negociando com firmeza e habilidade. Ali, a presença delas não era apenas de trabalho, mas também de resistência e de estratégia para seguir adiante em um cotidiano cheio de desafios. Aprendi que falar da presença feminina em Cabo Verde é falar de múltiplas formas de luta e de criação. Através do intercâmbio compreendi, pela prática e pelo olhar atento, que as mulheres não ocupam lugares secundários. Elas são a espinha dorsal de muitas das dinâmicas que mantêm a cidade de Praia em movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Cabo Verde. Intercâmbio. Experiência.

¹⁶ Especialista em Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena; Graduada em Bacharelado e Licenciatura em História; Discente no Programa de Pós-graduação em Letras: linguagem e identidade, todos pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Membra do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: kaliny.carmo@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO FONTE HISTÓRICA: UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Karen Kristina Araújo Vasconcelos¹⁷

A pesquisa desenvolvida analisou a obra de literatura afro-brasileira Olhos d'água (2014), de Conceição Evaristo, como fonte histórica para a efetivação da lei 10.639/2003 no Ensino de História, destacando-a como importante instrumento de promoção da igualdade racial na Educação Básica. O estudo partiu da relação entre a narrativa literária e a História do Brasil, adotando os referenciais decoloniais de Walsh (2005) na análise do texto e elaborando quadros de apoio pedagógico fundamentados no Currículo de Referência Único do Acre (CRUA), especificamente no componente curricular de História. Para sustentar a discussão sobre a interface entre História e Literatura, foram utilizados os aportes teóricos de Santos (2007), Barros (2019) e Bittencourt (2005). Já a abordagem da literatura afro-brasileira teve como base os estudos de Debus (2017), além de Munanga (2015), Gomes (2017) e Rocha (2022). A proposta buscou ressaltar a importância do uso de textos literários escritos por mulheres negras como recurso essencial para a construção da História do Brasil, articulando-os às competências previstas no Crua-História. Dessa forma, pretendeu-se contribuir para o rompimento com uma historiografia que historicamente silencia e marginaliza a população negra.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Lei 10.639/2003. Literatura afro-brasileira

¹⁷ Discente de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: karen.vasconcelos@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

PRÁTICAS EM ERER NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SEUS IMPACTOS NA IDENTIDADE DE ESTUDANTES NEGROS(AS): UM ESTUDO DE REVISÃO

Ló-Ruama Íllary Freires Pereira¹⁸

O presente trabalho trata de um estudo de revisão bibliográfica, realizado em 2025, para compor uma seção de dissertação. A pesquisa versa sobre os impactos de práticas pedagógicas alinhadas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), em conformidade com a lei 10.639/2003, na construção e afirmação das identidades de estudantes negros(as) da Educação Básica. O objetivo central consistiu em identificar o que dissertações, publicadas entre 2020 e 2024, abordam sobre a influência da aplicação dessa lei na afirmação da identidade negra dos estudantes. Foi adotado como percurso metodológico o estudo de revisão, utilizando como fontes virtuais os bancos de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O estudo de revisão baseia-se em Romanowski e Ens (2006), que destacam a relevância de revisitá a produção acadêmica existente para fomentar inovações nas práticas pedagógicas, dialogando também com Gomes (2017) e Rocha (2022) no que tange a importância da implementação da lei supracitada e da realização de práticas em ERER nas escolas. Das 139 dissertações localizadas que atendiam aos critérios de busca, 13 foram selecionadas por apresentarem não apenas propostas de intervenção com a temática racial, mas também evidências de impactos concretos na autoidentificação e identidade de estudantes negros(as). Através dos relatos presentes nos trabalhos, foi notório que as iniciativas de aplicação da lei impactaram direta e positivamente na afirmação identitária de estudantes negros(as). Para além disso, a revisão também demonstrou que a lei 10.639/2003 é aplicável a qualquer componente curricular, e que sua implementação efetiva possui um potencial transformador no ambiente escolar – não somente no combate ao racismo, como também a valorização e conscientização da história e cultura negra brasileira e na afirmação da negritude dos(as) alunos(as).

PALAVRAS-CHAVE: Educação das Relações Étnico-Raciais. Lei 10.639/2003. Negritude.

¹⁸ Professora na Secretaria de Educação do Estado do Acre (SEE/AC). Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: pereiraloruama@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA-PA: APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DOS MARCOS LEGAIS

Maria Alessandra Cabral Martins¹⁹
Amanda Oliveira dos Reis²⁰
Nicelma Josenila Costa de Brito²¹

O presente estudo versa sobre a promoção da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar da educação básica. A justificativa para tal estudo se fundamenta na necessidade de situar os processos de implementação dessa legislação nas escolas, considerando a importância da valorização da diversidade cultural e da luta contra o racismo no contexto da educação básica. O objetivo geral consiste em identificar se a referida lei está sendo implementada em escolas do município de Ananindeua-PA, analisando de que forma os conteúdos relacionados à cultura afrobrasileira e africana vêm sendo abordados no ambiente educacional. Para alcançar tais finalidades, os dados advêm de levantamentos bibliográficos acerca da temática Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e implementação dos marcos legais voltados para a ERER. Também foram realizados levantamentos documentais de marcos normativos como a Lei Nº 10.639/2003; Lei Nº 11.645/2008; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER); Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ). Como referenciais teóricos para as discussões, pautamo-nos nos conceitos de Wilma Coelho (2005) no que se refere à formação de professores para a ERER e em Nilma Gomes (2023) nos debates sobre equidade e educação. Os resultados preliminares indicam que as escolas do município de Ananindeua apresentam iniciativas isoladas de implementação da Lei 10.639/2003, por meio de projetos específicos, mas ainda carecem de uma abordagem mais sistemática e integrada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação das Relações Étnico-Raciais. Educação Básica. Ananindeua.

¹⁹ Discente de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: maralessandra4@gmail.com.

²⁰ Discente de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: estudos.aamanda@gmail.com.

²¹ Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutora e mestra em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: nicelma.brito@ufra.edu.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E REPERTÓRIOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DOS ARTEFATOS CULTURAIS DE MATRIZ AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Marlina Oliveira²²

Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito de uma tese de doutorado, cunhou de forma inédita o conceito de Artefatos Culturais de Matriz Africana e Afro-Brasileira (ACMABs) e analisou suas implicações para a formação de professoras da Educação Infantil. A investigação, de caráter bibliográfico, examinou dissertações e teses disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, produzidas entre 2003 — ano da promulgação da Lei 10.639/03 — e 2021, que tratavam de experiências de bebês e crianças pequenas (0 a 5 anos e 11 meses) em instituições de Educação Infantil. Os ACMABs foram definidos como bens materiais e imateriais — livros, brinquedos, cantigas, elementos naturais, instrumentos, gestos e narrativas — permeados pelos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros (Trindade, 2010), ancorados na concepção constitucional de patrimônio cultural (Brasil, 1988) e nos estudos sobre materialidades da infância (Rodrigues, 2020). Compreendidos como recursos didático-pedagógicos e expressões culturais, esses artefatos operam como mediadores de pertencimento, identidade e ancestralidade, constituindo-se em importantes instrumentos para a promoção de práticas antirracistas na Educação Infantil. A análise, sustentada em referenciais da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Dias, 2018; Gomes, 2017) e dos Estudos Sociais da Infância (Sarmento, 2005), revelou um achado central: a ausência de repertório pedagógico das educadoras da infância para ampliar as experiências de bebês e crianças pequenas com a história e a cultura africana e afro-brasileira. Essa carência se expressa em abordagens pontuais e descontextualizadas, que frequentemente confundem falar sobre racismo com promover educação antirracista, desconsiderando o caráter lúdico, afetivo e positivo que deve marcar as experiências infantis. Conclui-se que a incorporação consciente e fundamentada dos ACMABs na prática docente exige processos formativos — iniciais e continuados — que articulem teoria, prática e compromisso político-pedagógico, fortalecendo a justiça educacional e a equidade racial desde a primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Artefatos Culturais de Matriz Africana e Afro-Brasileira. Educação Infantil. Formação de professores. Educação para as Relações Étnico-Raciais.

²² Professora na Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). E-mail: marlina.oliveira@unespar.edu.br



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES NO REFERENCIAL CURRICULAR DE RONDÔNIA (RCRO): ENTRE SILENCIAMENTOS E PERSPECTIVAS

Raquel Santos de Souza²³

Este trabalho resulta dos estudos desenvolvidos ao longo da disciplina Ensino de História nas Amazôncias, ofertada no Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia da Universidade Federal de Rondônia (PPGHAm/Unir). Sabendo-se da invisibilização de pessoas negras na história regional de Porto Velho (RO), faz-se necessário promover por meio da aplicabilidade da lei 10.639/2003, o reconhecimento das personalidades negras que contribuíram para a construção da cidade, com destaque para as mulheres negras. Dessa forma, os objetivos deste estudo consistem em discutir e analisar as relações de gênero e a história das mulheres na disciplina de História no que se refere ao Ensino Médio, a partir do Referencial Curricular de Rondônia (RCRO-EM, 2021) documento orientador da educação no estado supracitado. Para tanto, o percurso metodológico pautou-se em uma pesquisa documental e bibliográfica (Gil, 2019). No referencial teórico deste estudo levou-se em consideração as contribuições de Barros (2010); Adichie (2019); Colling e Tedeschi (2019); Genecy e Pimentel (2010); Ferreira e Oliveira (2019), entre outros estudiosos. Os resultados revelam que o RCRO-EM silencia as questões de gênero e as trajetórias femininas, reforçando o predomínio da perspectiva masculina. Defende-se, portanto, que a escola precisa incluir e valorizar as demandas de diferentes grupos sociais, a fim de combater preconceitos, discriminações e violências. Como caminho de enfrentamento, propõe-se a divulgação e o estudo de lutas e resistências de mulheres negras na sociedade portovelhense, tais como D. Esperança Rita, Úrsula Maloney, Eunice Johnson, Elsie Shockness, Cledenice Blackman, entre tantas outras. Dessa forma, busca-se contribuir para que o Ensino de História reconheça e difunda a centralidade das mulheres negras na formação da cidade e da região.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Gênero. História das Mulheres. Referencial Curricular de Rondônia.

²³ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Amazônia da Universidade Federal de Rondônia (PPGHAm/Unir). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Norte do Paraná (Unopar). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Culturalidades e Historicidades Africanas e da Diáspora Negra (CHADE). E-mail: rachelmestrado2024@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NA PSICOLOGIA ESCOLAR: VOZES E VIVÊNCIAS DE MENINAS E MULHERES INDÍGENAS

Thais Santos da Cruz²⁴

Este trabalho foi desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da UNIR e teve como objetivo refletir sobre como as questões interseccionais integradas à escassez de uma atuação da Psicologia Escolar afeta a realidade de meninas indígenas nas escolas e suas consequências na vida adulta. Dentro do arcabouço teórico de Crenshaw (2002), Smith (2014) e Proença (2002), comprehende-se que corpos de mulheres indígenas perpassam por diversos tipos de violências, diante da perspectiva interseccional de gênero, raça e etnia. Logo, apresenta-se a necessidade da psicologia escolar crítica que respeite a interculturalidade e promova novas compreensões em relação à identidade no contexto das vivências de meninas e mulheres indígenas. A metodologia utilizada é qualitativa, feita através de uma revisão bibliográfica nas plataformas Periódico Capes e Sucupira, com descriptores relacionados à psicologia escolar e questões étnico-raciais indígenas. Através de uma revisão sistemática foram criadas duas categorias: A primeira sobre a história e percurso interseccional indígena. E a segunda sobre a necessidade de uma atenção da psicologia escolar nas necessidades étnicas, territoriais e de gênero. Como resultado, observou-se que desde o período colonial até o momento atual os povos originários ainda vêm sofrendo com exclusão e preconceito, principalmente meninas e mulheres. Logo, conclui-se a necessidade de uma análise crítica acerca dos processos coloniais, territoriais e de gênero, na qual perpassam várias ondas de violências interétnicas contra as mesmas. Além de também, considerar como os processos educacionais impactam em suas vivências e perspectivas como originárias, bem como a atuação na psicologia escolar pode promover práticas inclusivas que garantem respeito e compreensão sob o viés interseccional no ambiente educacional, e assim, potencializando e reconhecendo essas vozes.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Psicologia escolar. Mulheres indígenas.

²⁴ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (PPGPSI/Unir). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: thays.santosunir2024@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

**Nada sobre nós sem nós: acesso,
permanência e protagonismo negro**

A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROGRAMA “A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS” (AFROEXT)

Thiago Wesley da Silva Lima²⁵
Evellyn Cristina Albuquerque Rates²⁶

Este trabalho aborda a representatividade negra no contexto do Programa *A Extensão Universitária como Espaço de Fortalecimento da Educação das Relações Étnico-Raciais* (AFROEXT), a partir da participação de dois licenciandos negros. A metodologia deste estudo seguiu o caráter qualitativo e teve como objetivo a investigação da representatividade negra no programa “a extensão universitária como espaço de fortalecimento da educação das relações étnico-raciais” (afroext). A proposta fundamenta-se na concepção de representatividade discutida por Stuart Hall (2016), que destaca a importância de garantir que vozes e perspectivas historicamente marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo uma representação mais diversa e inclusiva. A presença dos licenciandos no programa evidencia a ruptura com narrativas hegemônicas, promovendo a construção de espaços educativos mais inclusivos e alinhados à igualdade racial. O programa tem como objetivo a formação de Equipes Extensionistas para atuar na capacitação de profissionais da educação básica nos processos de gestão, planejamento, financiamento e monitoramento da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e da Educação Escolar Quilombola (EEQ). A experiência relatada evidencia o papel transformador da extensão universitária na construção de práticas educacionais antirracistas e no fortalecimento da identidade negra no espaço acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade Negra. Extensão Universitária. Educação Antirracista.

²⁵ Discente de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: thiago.wesley@sou.ufac.br

²⁶ Discente de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: evellyn.rates@sou.ufac.br



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL POR MEIO DE AULA DE CAMPO NO FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA EM COSTA MARQUES/RO

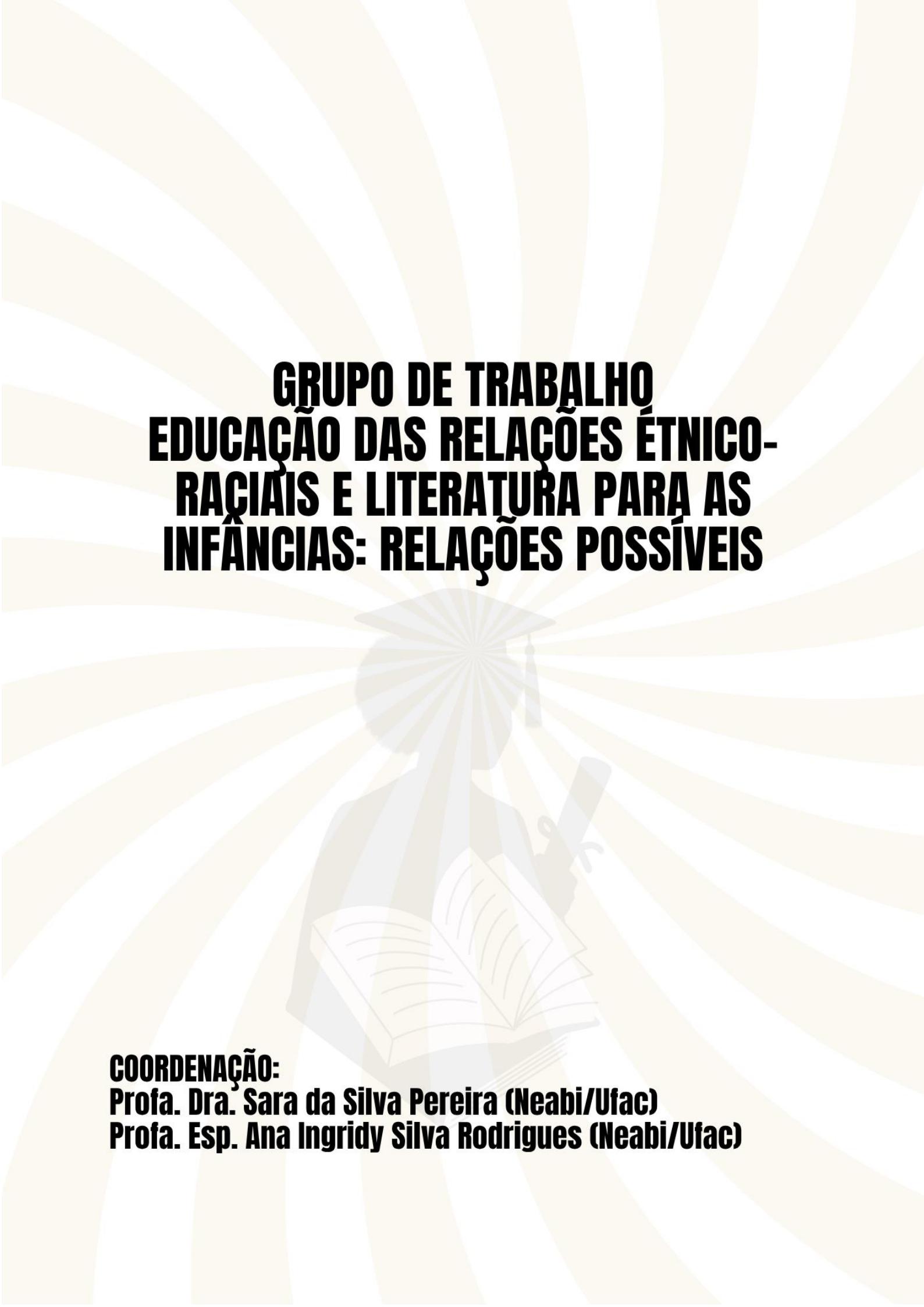
Wilson da Silva Teodoro²⁷

Este trabalho se configura como uma alternativa didático-pedagógica acerca do ensino de História Regional no estado de Rondônia, com enfoque sobre contribuições didático-pedagógicas decoloniais a partir da vivência e memória local. A presente experiência visa apresentar as práticas dos alunos sob coordenação do Professor Wilson Teodoro na rede pública Estadual de Ensino atuando no município de Cacoal/RO, estudantes do 3º ano do Ensino Médio com a disciplina História Regional, durante uma visita ao maior patrimônio cultural estadual: O Forte Príncipe da Beira localizado no município de Costa Marques/RO. O objetivo geral foi conhecer e aprofundar o estudo da História Local através de discussões teóricas, leituras e práticas em sala de aula, culminando com as aulas práticas in loco no patrimônio citado consolidando o entendimento sobre as relações históricas, geográficas e sociológicas da ocupação na Fronteira de Rondônia, visitando espaços físicos da comunidade, uma vez que este referido espaço é também parte territorial de populações tradicionais sobretudo quilombolas. Foram utilizadas metodologias dialogadas e práticas nas intervenções, além do acompanhamento dos alunos das aulas de História ministrado pelo próprio professor autor e responsável pela disciplina de História Regional. As atividades realizadas e descritas datam do período dos anos letivos de 2016 e 2019. Na análise assumimos como referencial teórico-metodológico o modelo de crítica científica da interpretação histórica presente nos referenciais curriculares propostos por Rüsen (2010) e Bittencourt (2008). Dentre os resultados alcançados em face do intercâmbio cultural com a comunidade quilombola local, dos espaços visitados, e todas as ações que nortearam ele do início ao fim foi evidente os numerosos estímulos e aquisição de novos conhecimentos sobre identidade, questão étnico-racial e educação patrimonial, onde foi perceptível a eficácia desse tipo de trabalho didático pedagógico no Ensino de História Local para consciência e preservação da memória local.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial. História local. Ensino de história. Identidade cultural. Diversidade étnico-racial

²⁷ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Amazônia da Universidade Federal de Rondônia (PPGHAm/Unir). Graduado em História pela Faculdade Integrada de Ariquemes (FIAR). Email: wilsonteodoro@gmail.com.

GRUPO DE TRABALHO EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: RELAÇÕES POSSÍVEIS



COORDENAÇÃO:
Profa. Dra. Sara da Silva Pereira (Neabi/Ufac)
Profa. Esp. Ana Ingridy Silva Rodrigues (Neabi/Ufac)



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A POTÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE MENINOS NEGROS NA SEGUNDA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR A PARTIR DE CURITIBA

Alice Maria Costa²⁸
Lucas Carvalho de Lima²⁹

Este relato de experiência discute o uso da literatura infantil como recurso pedagógico na segunda etapa da educação básica, a partir da vivência de estagiários em escolas da rede municipal de Curitiba – PR. A literatura, como destacam Cademartori (2010) e Zilberman (2003), contribui para a formação do sujeito, amplia repertórios culturais e simbólicos e possibilita o reconhecimento da criança nas narrativas. A proposta emergiu da observação em sala de aula, onde alunos negros, muitas vezes, não se reconheciam como sujeitos individuais, sendo estigmatizados como “bagunceiros” ou reduzidos à ideia de resistência emocional (FARIAS, 2018). Isso evidencia como a literatura infantil historicamente reforçou estereótipos e comprometeu a valorização da população negra. Para compreender o cenário, realizou-se um levantamento em duas escolas públicas acerca do acervo literário, priorizando obras com meninos negros como protagonistas. Constatou-se que uma escola possuía biblioteca estruturada, enquanto a outra apresentava acervo reduzido. No total, foram identificados 13 livros, dos quais 8 eram de autores nacionais e apenas 5 de escritores(as) negros(as), com temáticas voltadas à representatividade de meninos negros. O diálogo com professores e equipes pedagógicas evidenciou a necessidade de ampliar a inserção dessas obras no cotidiano escolar. Como ação prática, instituiu-se a contação de histórias no início das aulas. Nos primeiros dias, observou-se maior identificação dos estudantes com os personagens, reconhecimento de semelhanças entre si e os colegas e fortalecimento das relações coletivas. Os resultados confirmam a potência da literatura na construção identitária, conforme defendem Cademartori (2010) e Zilberman (2003), favorecendo engajamento, vínculos com professoras e maior participação em sala. Assim, a experiência demonstra a relevância da literatura infantil para a promoção da identidade, valorização da diversidade e construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial, especialmente para meninos negros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Identidade Negra. Equidade Racial. Educação Básica.

²⁸ Discente de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: alice.costa@ufpr.br.

²⁹ Discente de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: lucas.carvalho.lyma@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A LITERATURA DE TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: UMA EXPERIENCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS

Ana Ingridy Silva Rodrigues³⁰
Beatriz Domingos da Silva³¹

Este estudo apresenta uma intervenção pedagógica desenvolvida no âmbito da Educação Infantil com crianças pequenas em uma instituição de ensino localizada no município de Rio Branco - Acre. A ação foi realizada junto ao Programa de Extensão Educação Antirracista (PEEA) coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). Este trabalho justifica-se pela necessidade do desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) desde as infâncias com vistas a fortalecer as identidades negras e contribuindo para o enfrentamento do racismo na escola. Dessa maneira, objetificou-se a disseminação de práticas pedagógicas voltadas para a ERER nas infâncias, compreendendo-as como possibilidades de construção de afetividade, reconhecimento e valorização da negritude. Metodologicamente, o estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa, por meio do levantamento bibliográfico e na aplicação da intervenção pedagógica. O embasamento teórico recorre a autoras como: Nilma Lino Gomes (2017), Eliane Debus (2017), Lucimar Rosa Dias (2015) e Sara da Silva Pereira (2019). A intervenção inicialmente teve início com a apresentação das crianças, seguida de uma roda de conversa voltada à temática de África, como forma de contextualizar e ampliar os conhecimentos das crianças. Em continuidade, desenvolveu-se um momento musical, que antecedeu a contação da obra “Só me diz por que...temos cor de pele tão diferentes?”. Para o encerramento da atividade, propôs-se a produção de autorretratos, possibilitando às crianças a valorização de suas próprias características identitárias. Os resultados evidenciam impactos significativos, como a valorização das identidades de crianças negras e não negras e a desconstrução de um padrão estético homogêneo. Portanto, a experiência reafirma o potencial das práticas pedagógicas em ERER, sobretudo o uso da literatura voltada a temática afro-brasileira e africana nas infâncias, para a promoção de uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenção Pedagógica. Crianças. Contação de História.

³⁰ Discente no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: ana.ingridy@sou.ufac.br.

³¹ Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Acre (SEE/AC). Mestra em Educação, Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: beatrizufac@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS COM PROTAGONISMO NEGRO EM UMA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA DE CURITIBA

Ana Paula Vieira da Silva³²

Lucas Carvalho de Lima³³

Taina do Rosário Robinson³⁴

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar desafios e possibilidades no uso da literatura como recurso ao efetivar a educação para as relações étnico-raciais em uma Unidade de Educação Integral Integrada de Curitiba, um espaço de contraturno escolar da rede pública municipal, com práticas fundamentadas na perspectiva da educação integral. Trabalho conduzido pela professora da prática educativa de Língua Portuguesa e supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com sete bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. Inaugurada em 2023, a unidade não dispõe de biblioteca escolar. Os poucos títulos disponíveis não podem ser emprestados pelas crianças, apenas pelas professoras que desejarem utilizá-los em sala de aula, o que pouco acontece. Foram identificadas vinte e duas obras literárias com protagonismo negro, onze produzidas por pessoas negras, seis delas escritores negros brasileiros. A prática pedagógica aconteceu em uma turma multisseriada, com idades entre 8 e 10 anos, e consistiu na leitura de uma obra literária a cada aula, permitindo que as crianças percebessem semelhanças entre os personagens, com o seu cotidiano e com culturas africanas. Observou-se a valorização da diversidade, reconhecimento de elementos simbólicos, como o baobá, apreciação das diferentes texturas de cabelos e interesse em conhecer os autores, que foram previamente apresentados. O uso de bonecas negras durante as leituras intensificou a representatividade. Os debates pós-leitura revelaram identificação e experiências semelhantes às narrativas, favorecendo o engajamento e participação ativa, ampliando processos de reconhecimento, representatividade e pertencimento. O desenvolvimento dessas ações foi realizado com base nos referenciais teóricos sobre imagens do negro na literatura infantil brasileira (Gouvêa, 2005), o projeto literário negro-feminino na cena literária brasileira contemporânea (Sousa e Carvalho, 2023) e o valor da escuta nas práticas de leitura (Bajour, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Educação Integral. Literatura para as infâncias. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Universidade Federal do Paraná.

³² Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR). Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: apaulavsilva@educacao.curitiba.pr.gov.br.

³³ Discente de Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: lucas.carvalho.lyma@gmail.com.

³⁴ Discente de Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: taina.robinson@ufpr.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: POSSIBILIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Bruna de Oliveira Andronic³⁵
Wivian Graciela Meneguetti de Souza³⁶

A presente proposta tem como foco a contação de histórias como prática pedagógica e afetiva na promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais desde a infância. Parte-se da compreensão de que contar histórias é um gesto de partilha, encantamento, criação estética e resistência. A escolha de narrativas que valorizem a cultura negra, baseada na obra Obax, de André Neves (2010), inscreve-se como prática antirracista no cotidiano educativo, favorecendo a construção de identidades positivas e o reconhecimento da diversidade cultural, justificando a proposição. O objetivo é refletir sobre como a literatura para as infâncias, mediada por experiências sensíveis de contação de histórias e pela organização do espaço como forma de acolhimento, pode contribuir para a valorização da ancestralidade africana e para o enfrentamento ao racismo. A metodologia é qualitativa e experencial, ancorada na prática da narração oral e na observação de reações e interações de crianças e adultos durante as sessões de contação de histórias. O aporte teórico contempla autoras como Gomes e Araújo (2023), López (2016) e Reyes (2010), que defendem, respectivamente, a urgência de se construir propostas de reconhecimento do valor da vida a partir do combate ao racismo; a literatura como direito cultural, espaço de memória e de formação ética e estética. Como resultado, observam-se efeitos significativos na escuta atenta, nos vínculos afetivos estabelecidos e no reconhecimento simbólico por parte de crianças negras que se identificam com a personagem Obax. A experiência narrativa, aliada ao uso de trilhas musicais como “Cangoma Me Chamou”, reforça o elo entre oralidade, memória e resistência. A contação de histórias constitui-se como espaço potente de letramento racial, formação ética e estética e promoção da equidade nas relações raciais desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Infância. Educação antirracista. Literatura para as infâncias. Educação das Relações Étnico-Raciais.

³⁵ Discente de Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: brunaandronicufpr@gmail.com.

³⁶ Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de São José dos Pinhais/PR. Discente do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). E-mail: wivianmeneguetti2020@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Bruna Moraes Battistelli³⁷
Genecir dos Santos Barreto Josviak³⁸
Wivian Graciela Meneguetti de Souza³⁹

O presente trabalho é resultado de uma proposta formativa intitulada “Literatura para as infâncias: Práticas de mediação, organização de espaços e valorização da diversidade cultural”, que foi realizada na disciplina de Psicologia da Educação I do curso Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e organizada pelas mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFPR. O objetivo foi construir referenciais teóricos e práticos para abordar a Educação das Relações Étnico-raciais na etapa da Educação Infantil. A proposta da prática formativa foi compartilhar aspectos de uma vivência na Comunidade Indígena Mbyá Guarani, localizada na Ilha da Cotinga, Município de Paranaguá-Pr. A metodologia se deu por meio de uma reflexão coletiva, com base na lei nº 11.645/2008 que altera a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional, já modificada pela lei nº 10.639, de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. A partir das contribuições teóricas de Pereira, 2019; Costa, 2022 e Dias, 2019, que apresentam o livro como um importante artefato cultural que possibilita a ruptura de representações estereotipadas e universalistas sobre a população negra e indígena. As (os) estudantes puderam manipular os artefatos disponibilizados, demonstraram interesse e participaram ativamente do momento formativo, tirando dúvidas e também contribuindo oralmente por meio de perguntas. A prática evidenciou a necessidade de abordar essa temática, nas disciplinas dos cursos de graduação, pois as(os) participantes sinalizaram a importância desse conhecimento no início da formação, principalmente no curso de Pedagogia. Por meio da proposta, efetivamos as leis e também apresentamos uma possibilidade de ruptura na narrativa de subalternidade, trazendo outras possibilidades de reflexão por meio dos livros de literatura para as infâncias, temática e autoria dos povos negros e indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura para as Infâncias. Educação das Relações Étnico-raciais. Lei 11645/2008.

³⁷ Professora na Universidade Federal do Paraná no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR) da linha de pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação. E-mail: brunabattistelli.ufpr@gmail.com.

³⁸ Professora na rede Municipal de São José dos Pinhais/PR. Compõe a equipe de assessoramento pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba/PR, no Departamento de Educação Infantil. Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR). Graduada em Pedagogia pela UFPR. E-mail: genecbarreto@gmail.com.

³⁹ Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de São José dos Pinhais/PR. Discente do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter).
E-mail: wivianmeneguetti2020@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LITERATURA NEGRA AFROREFERENCIADA PARA CRIANÇAS, DESDE BEBÊS, NO CONTEXTO DAS CRECHES MUNICIPAIS DE MACAPÁ

Cleidiane Colins Gomes ⁴⁰

Este estudo integra uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo foco é estabelecer um diálogo com a Lei 10.639/03 no contexto da creche, com ênfase em obras literárias que apresentam bebês negros como protagonistas. Busca-se compreender de que forma essa legislação tem influenciado a seleção de acervos literários para a Educação Infantil, considerando tanto os aspectos institucionais quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas nas creches do município de Macapá. A investigação justifica-se pelos resultados preliminares, que apontam para a escassez de livros que contemplem essa temática e segmento educacional, especialmente quando se observa a especificidade do público e do território. O objetivo geral consiste em analisar as práticas de promoção da literatura negro-brasileira (Cuti, 2010; Oliveira, 2020; Pereira, 2025) na Educação Infantil, a partir das políticas de acervo literário étnico-racial implementadas nas creches municipais do estado. Trata-se de uma pesquisa-ação realizada no mesmo espaço da investigação desenvolvida no mestrado, visando contribuir com a realidade estudada por meio da formação de professores e da construção coletiva de um projeto literário que atenda às especificidades das crianças amapaenses. A presença da literatura negro-brasileira na Educação Infantil constitui um elemento essencial para a formação de identidades positivas, para o enfrentamento do racismo estrutural e para a valorização da diversidade étnico-racial desde a primeira infância. Conforme aponta Gomes (2012), os desafios impostos pela diversidade na educação básica exigem políticas que garantam a todos os grupos sociais especialmente aqueles histórica e socialmente excluídos o acesso a uma educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra afrorreferenciada. Criança, desde bebês. Lei 10.639/03. Creche.

⁴⁰ Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR). Mestra Educação pela UFPR. Graduada em Pedagogia pela Universidade Cesumar (Unicesumar). E-mail cleidianecollins@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LEI 10.639/03: DESAFIOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Érika Santos⁴¹

Esta pesquisa, vinculada à área de concentração em Educação, com ênfase em Políticas Educacionais e Diversidade, tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por docentes da Educação Infantil na efetivação da Lei 10.639/03, em uma escola pública do Vale do Paraíba. O estudo busca compreender como fatores como formação docente, recursos pedagógicos e apoio institucional interferem no desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas. A investigação adota abordagem qualitativa, caracterizando-se como estudo de caso. Para a produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professoras da rede municipal, observações em sala de aula e análise de planejamentos pedagógicos. A fundamentação teórica baseia-se em autoras e autores como Eliane dos Santos Cavalleiro, bell hooks, Paulo Freire, Bárbara Carine Soares Pinheiro, Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes, Maria Aparecida Silva Bento e António Nóvoa, que discutem a educação antirracista, a formação crítica e a valorização das identidades negras no espaço escolar. A análise dos dados segue a técnica de análise de conteúdo temática, com triangulação entre as fontes. Os resultados preliminares evidenciam barreiras como lacunas na formação inicial e continuada, carência de materiais didáticos culturalmente relevantes e excesso de demandas burocráticas. Conclui-se que a efetivação da Lei 10.639/03 requer políticas municipais integradas, com investimentos em formação contextualizada e produção de recursos pedagógicos locais. O estudo contribui para os ODS 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Redução das Desigualdades).

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Lei 10.639/03. Educação antirracista. Formação docente. Práticas pedagógicas.

⁴¹ Discente de mestrado no Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (MPE/Unitau). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduada em Letras pela Unitau e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (Uninove). E-mail: erikasts81@hotmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

"TIA, OLHA! O MEU CABELO É IGUAL O SEU": NEGRITUDE E AFETIVIDADES EM FOCO EM UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS PEQUENAS E BEM PEQUENAS

Geovanna Moraes de Almeida⁴²
Ellen Cristina Setubal Brito⁴³

Esse trabalho trata de uma intervenção pedagógica realizada para crianças pequenas e bem pequenas de uma escola de Educação Infantil, no município de Rio Branco - Acre, vinculada ao Programa de Extensão Educação Antirracista (PEEA) do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). A relevância deste trabalho se atrela à importância de trabalhar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) desde as infâncias, para o fortalecimento de identidade negras no processo educativo formal, desde seus primórdios, como forma de combate ao racismo. O objetivo desta obra é o de difundir práticas pedagógicas em ERER para as infâncias como pelação possível de afetividade e consolidação de negritude em sala de aula. No que tange à metodologia, tem-se um caráter qualitativo, com levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como se vale do meio intervencionista para sua efetivação. Como aporte teórico, se ancorou em Gomes (2017), Debus (2017), Dias (2012). A intervenção teve como objeto de conhecimento a “Literatura de Temática Afro-brasileira e Africana para as Infâncias”, propiciando os direitos de aprendizagem conviver e conhecer-se. Além disso, preconizou-se seguir os passos de uma Rotina, com acolhida por meio de uma roda com a música “Sorriso Negro” de Dona Ivone Lara para criar um ambiente estimulante, por conseguinte, como experiências, houve uma contação de histórias com o livro “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”, da Profa. Dra. Lucimar Rosa Dias (2012). Para finalizar a intervenção, as crianças pequenas e bem pequenas fizeram autorretratos, de modo a positivar seus traços. Os resultados que essa intervenção alcançou revelam a positivação das identidades de crianças negras e de brancas, ao passo que se desconstrói a supremacia racial branca e se coloca a negritude em debate, por meio de práticas pedagógicas em ERER.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenção Pedagógica. Crianças Pequenas e Bem Pequenas. Contação de Histórias. Literatura para as infâncias.

⁴² Mestra em Letras – linguagem e identidade, Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: almeidag12moraes@gmail.com.

⁴³ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Acre (ProfHistória/Ufac). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). Professora da Educação Básica. E-mail: ellen.brito@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

MINHA HISTÓRIA, MINHA COR: CONSTRUINDO IDENTIDADE E LAÇOS DE RESPEITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ingra Marcellly Silva de Oliveira⁴⁴

A maneira como as crianças percebem as cores ultrapassa a mera distinção visual, tornando-se um recurso valioso para trabalhar conceitos essenciais de igualdade e diversidade. Quando exploradas de maneira intencional na Educação Infantil, as cores podem auxiliar na desconstrução de estereótipos, estimulando a empatia e o respeito pelas diferenças. Nesse sentido, foi aplicada uma sequência didática em uma escola de Educação Infantil, utilizando lápis com vários tons de cor de pele no qual cada criança teria autonomia para identificar qual cor de lápis representaria a cor de sua pele. Tendo como objetivo: valorizar suas características físicas e respeitar as dos outros, percebendo em si, nos colegas ou em pessoas próximas, semelhanças e diferenças quanto a: cor e tipo dos cabelos, pele, olhos, altura, peso, dentre outras. A base teórica deste trabalho foi fundamentada em contribuições de autores como: Eliane dos Santos Cavalleiro (2003), Lucimar Rosa Dias (2012), Nilma Lino Gomes (2017), Thiara Cruz de Oliveira (2019), Débora Oyayomi de Araújo (2019), Sarah da Silva Pereira (2019), Flávia Rodrigues Lima da Rocha (2022) e Lev Semionovitch Vygotsky (2007). A experiência trouxe um resultado positivo, foi possível observar que desde o livro escolhido para a leitura, até a entrega dos lápis de cor em diferentes tons de pele, tornou-se evidente o impacto significativo dessa proposta. As crianças mostraram-se interessadas tanto nas histórias dos personagens quanto na variedade de cores oferecidas. O simples ato de selecionar um lápis que se aproximasse de sua própria tonalidade de pele possibilitou uma identificação genuína e espontânea.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Cores. Respeito. Igualdade. Criança.

⁴⁴ Professora da Educação Básica. Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: ingra_macelly@hotmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

CONVITE AO DIÁLOGO E À CONSCIENTIZAÇÃO DO TRABALHO DA ERER ATRAVÉS DA LITERATURA

Isabella Coelho dos Santos⁴⁵

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a trajetória de profissionais da educação de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de São José dos Pinhais, acerca do trabalho com a Educação das Relações Étnico-raciais (ERER). O CMEI atende bebês e crianças bem pequenas e pequenas. Esse trabalho se justifica como meio de cumprir e efetivar as leis nº 10.639/2003 e a 11.645/2008, bem como para a construção de uma educação antirracista. A ERER foi possibilitada nas práticas pedagógicas das profissionais da Unidade devido à participação nas formações oferecidas no ano de 2024 e 2025, em que abordamos a temática relacionada a brincadeiras, confecção de bonecas negras, musicalidade, cultura e a Literatura para as infâncias (Costa, 2024). Dentre todas as práticas, o trabalho com a literatura tem se destacado, pois este tema se aprofunda na relevância de proporcionar experiências literárias ricas e significativas desde os primeiros anos de vida, destacando como a interação com livros, poemas, canções e contos impacta positivamente o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural das crianças na Educação Infantil. A literatura configura-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento integral dos bebês e crianças na primeira etapa da educação básica. Os resultados da formação têm refletido nas práticas das professoras. Por meio das histórias, as crianças são convidadas a questionar, a comparar e a refletir sobre as diferentes culturas, suas contribuições e a importância de um mundo mais equitativo e justo. A literatura, nesse sentido, é um convite ao diálogo e à conscientização. As crianças têm mostrado identificação com a cultura, meninos e meninas negras apresentam-se com cabelos soltos, tranças e mostram que gostam do que veem, demonstrando uma autoestima mais elevada, refletindo em todas as crianças, uma vez que as demais mostram respeito pela diversidade.

PALAVRAS-CHAVES: Educação das Relações Étnico-raciais. Literatura para as infâncias. Bebês. Crianças. Educação Infantil.

⁴⁵ Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais/PR. E-mail: isasantos645@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA AS INFÂNCIAS COMO GARANTIA DO DIREITO À IDENTIDADE E À NÃO DISCRIMINAÇÃO

Nina Gabriela Lima de Araújo⁴⁶

O presente estudo aborda a literatura afro-brasileira voltada para a infância, destacando seu papel como instrumento pedagógico para a promoção do direito à identidade, da autoestima e da não discriminação. Ressalta-se a relevância de práticas educativas que reconheçam e valorizem a diversidade étnico-racial e a pluralidade cultural desde os primeiros anos escolares. A escolha do tema justifica-se pela necessidade de fortalecer a autoestima de crianças negras, prevenir a reprodução de estereótipos e preconceitos, ampliar o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira, além de contribuir para a construção de uma educação democrática, inclusiva e antirracista. O objetivo do estudo consiste em analisar de que maneira a literatura afro-brasileira voltada para a infância contribui para o fortalecimento da identidade cultural, para a valorização da herança africana e afro-brasileira e para a efetivação de direitos fundamentais, como igualdade, dignidade e não discriminação. A metodologia empregada é descritiva e expositiva, baseada na revisão bibliográfica e na análise de textos literários (Marconi; Lakatos, 2003), assim como em dispositivos legais e políticas públicas voltadas à educação, aos direitos da criança e à promoção da igualdade racial. O referencial teórico apoia-se nas contribuições de Pestana (2021), Debus (2017), Gomes (2017), Costa et al. (2019), que abordam literatura afro-brasileira, infância, identidade, diversidade cultural e práticas pedagógicas inclusivas. Os resultados evidenciam que a literatura afro-brasileira voltada para a infância desempenha papel decisivo no fortalecimento da autoestima de crianças negras, na valorização de sua história e cultura, no desenvolvimento de atitudes de respeito à diversidade e na promoção de uma educação equitativa. Assim, torna-se evidente que a literatura afro-brasileira não apenas enriquece o repertório cultural das crianças, mas também atua como ferramenta estratégica na efetivação de direitos fundamentais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e comprometida com a igualdade racial.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira. Infância. Identidade.

⁴⁶ Discente de Graduação em Direito na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista no Programa de Educação Tutorial Educação Antirracista (PET-Educação Antirracista). E-mail: ninagabi627@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

CONTAR E RECONTAR É UM FAZER VIVER ETERNAMENTE, A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DE OS TESOUROS DE MONIFA, DE SÔNIA ROSA

Rafaella Oliveira⁴⁷
Amanda Crispim Ferreira⁴⁸

Contar e recontar histórias é uma atitude de resistência, pois essas histórias carregam a memória dos ancestrais com os ensinamentos sobre a sua identidade negra. *Os tesouros de Monifa* (2009), livro de literatura infantil escrito pela poeta da literatura negro afetiva, Sônia Rosa e ilustrado pela pernambucana, Rosinha é envolto em memória e ancestralidade. A história de afeto e ancestralidade entre as mulheres de uma família com suas heranças culturais narradas em solo brasileiro é contada pela tataraneta mais velha da família. A arte de contar histórias no continente africano é um ato de resistência e faz parte da cultura desse povo. A narrativa do livro favorece estratégias de subversão ao racismo, além de atender às exigências da lei 10639/2003. Com o objetivo de compreender o conceito de afeto desenvolvido por Sonia Rosa, a pesquisa se debruçou em observar como narrador e linguagem na obra podem possibilitar o sentimento de pertencimento proposto pela autora, também refletir sobre os aspectos de africanidades e as características da literatura infantil negra sob a perspectiva do afeto. Contaremos com o embasamento teórico de Sônia Rosa com o livro *Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola* (2017). Para as discussões sobre oralidade, Leda Martins (2010) com Oralitura. Sobre literatura negra, Conceição Evaristo, *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira* (2010). O enfrentamento ao racismo será orientado pelas pesquisas de, Eliane Cavalleiro (2001) e Nilma Lino Gomes (2019). Espera-se com essa pesquisa de perspectiva exploratória e bibliográfica, compreender o processo de escrita de Sônia Rosa e a relação de aproximação com a estética dos contadores de histórias africanos. Concluímos que a literatura infantil negra é um ambiente de resistência ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Afeto. Racismo. Literatura-negra. Ancestralidade. Oralidade.

⁴⁷ Mestra em Letras e Graduada em Letras Português pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: rafaella.sr.oliveira@gmail.com.

⁴⁸ Professora Adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Letras pela UEL. E-mail: amacrispim@utfpr.edu.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LITERATURA NEGRA PARA AS INFÂNCIAS: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS PEQUENAS?

Sara da Silva Pereira⁴⁹

Atualmente, a escuta das crianças pequenas tem sido mais exercitada, tanto pelos/as pesquisadores/as das infâncias quanto por profissionais da educação, vindo ao encontro do que coadunam os documentos oficiais que caracterizam as crianças como protagonistas de suas histórias, aquelas que têm agência sobre o mundo, produzindo suas culturas de pares. Consequentemente, este trabalho tratará dessa escuta em relação à Literatura Negra para as infâncias, sendo que tem por objetivo apresentar como crianças pequenas interagiram com obras que apresentam autoria e temática negra. Dentre as justificativas, pode-se afirmar que o contato com essa literatura é profícuo para que as crianças, desde bebês, construam um imaginário plural, reconhecendo a diferença como algo que constitui o ser humano, valorizando a diversidade étnico-racial presente na sociedade, desenvolvendo o respeito e a empatia desde cedo. O presente trabalho é parte resultante de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida na Universidade Federal do Paraná que teve como objetivo geral: analisar como crianças com idades entre 3 e 4 anos, de uma turma de Infantil III de um Centro Municipal de Educação Infantil localizado no Paraná, interagem com narrativas com personagens negros/as e indígenas presentes na literatura para as infâncias de autoria negra e indígena e se tal interação se apresenta em suas atividades cotidianas. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo etnográfica, que utilizou como metodologia de análise a Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS), cunhada no contexto do Grupo de Estudos e Pesquisas para as Relações Étnico-raciais ErêYá. Dentre o aporte teórico utilizado, estão: Cuti, 2010; Pereira, 2019; Dias, 2020; Silva, 2022; Cruz, 2024, dentre outros/as. Os resultados mostraram que as crianças do campo de pesquisa estavam familiarizadas com a Literatura Negra para as infâncias e traziam personagens e temáticas das obras para suas culturas da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Literatura Negra. Educação das Relações Étnico-raciais. Escuta de crianças pequenas. Culturas infantis.

⁴⁹ Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá (Ceumar) e em Letras Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: sarabrownsummer@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM A PARTIR DE LITERATURA AFROCENTRADA NA INFÂNCIA: OLELÊ - UMA ANTIGA CANTIGA DA ÁFRICA

Sheyla Oliveira da Silva⁵⁰

O artigo apresentado descreve sobre o desenvolvimento da Sequência Didática: “A História e Afrocantiga Olelê Moliba Makasi”, realizada em forma de intervenção pedagógica em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Rio Branco/AC. A sequência é resultado do último módulo do Curso na Pós-graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, oferecido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre – NEABI/UFAC e teve como objetivo oportunizar às crianças o direito à literatura de qualidade, de conhecer histórias e culturas africanas e afro-brasileiras desde os primeiros anos da vida escolar, de modo a reconhecerem-se como sujeitos pertencentes a uma sociedade étnica e culturalmente diversa e plural. A escolha de trabalhar com a literatura infantil africana e afro-brasileira como objeto de estudo e intervenção pedagógica emergiu de um profundo encantamento vivido durante uma oficina de literatura ministrada no curso de pós-graduação, onde foi apresentado o livro “Olelê: uma antiga cantiga da África”, de Fábio Simões, cuja musicalidade, estética e potência narrativa despertaram enorme interesse. As reflexões foram tecidas a partir de análises de legislações educacionais vigentes, com destaque para Lei nº 9394/96, Lei 10.639/03 e Resolução CNE/CEB nº 5/2009, além da Base Nacional Comum Curricular e o Currículo de Referência Único do Acre para a Educação Infantil e considerando as fundamentações teóricas apresentadas, sobretudo a partir de autores como, Oliveira (2003), Munanga (2003), Gomes (2005) e Pereira (2019). O desenvolvimento desta sequência didática foi uma experiência muito enriquecedora, em que se observou a alegria e interesse das crianças por conhecer mais sobre a história e cultura do povo africano, contribuindo para promover o respeito à diversidade étnica e fortalecimento de pertencimento cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Literatura Afrocentrada nas Infâncias.

⁵⁰ Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco (Seme). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac) e em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Tiradentes (Unit). Email: sheyla.oliveira21@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Vanessa Crisstine da Cruz Caovilla⁵¹

A literatura para as infâncias (Costa, 2024) é uma importante aliada na valorização e formação de uma identidade positiva, além de promover práticas inclusivas e a construção de uma Educação das Relações Étnico-Raciais. Por isso, esse trabalho tem como principal objetivo apresentar uma prática pedagógica desenvolvida com uma turma de Infantil IV da rede municipal de São José dos Pinhais/Pr. O objetivo da proposta foi contribuir para compartilhar a cultura afro-brasileira com as crianças por meio do reconhecimento da potência da ancestralidade, do conhecimento e da beleza dos povos negros. A prática em questão, partiu do princípio que as crianças devem ser expostas cotidianamente à literatura de qualidade, pois essa, irá contribuir para sua formação como ser humano e na forma de experienciar suas relações. A proposta foi iniciada nos espaços da sala de referência que foram organizados dando protagonismo à cultura afro-brasileira por meio da seleção de livros, bonecas negras, tecidos com estampas e grafismos africanos e de instrumentos musicais. Entre as práticas realizadas, destacou-se a proposta inspirada na obra Os tesouros de Monifa, de Sonia Rosa (2009), apresentada por meio de leitura e também encenação. Com apporte do globo terrestre e de um mapa, de forma sensível e lúdica a turma foi conduzida a uma viagem imaginária que celebra a memória e a ancestralidade. O resultado pode ser observado na criança que se reconheceu na imagem da personagem e se sente representada, nos meninos e meninas que escolheram brincar com as bonecas negras com afeto, sem fazer distinção. Dessa forma, a inserção da literatura afro-brasileira para as infâncias, para além do cumprimento da lei nº 10.639/03, assumiu um compromisso pedagógico com uma educação antirracista, afetiva, que evidencia a negritude como fonte de admiração, orgulho e afeto, além de promover diálogos e transformação na prática das professoras envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura para as infâncias. Literatura afro-brasileira. Educação antirracista. Educação das Relações Étnico-Raciais. Infância.

⁵¹ Professora na etapa da Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais. E-mail: prof.vanessacaovilla@gmail.com.

GRUPO DE TRABALHO TRANSGREDINDO A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: POSSIBILIDADES DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA NO ENSINO DE LÍNGUA(GENS)



**COORDENAÇÃO:
Profa. Ma. Andressa Queiroz da Silva (Neabi/Ufac)**



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

BNCC, GÊNEROS TEXTUAIS E LEI 10.639/2003: TRANSGREDINDO O PLANO DE CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ESTADO DO ACRE

Andressa Queiroz da Silva⁵²

O presente trabalho é uma proposta de pesquisa em andamento resultado das reflexões propiciadas a partir da Base Nacional Curricular Comum – BNCC, Plano de Curso Orientador de aprendizagens do componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Finais e a Lei n.º 10.639/2003. Assim, este trabalho objetiva analisar o documento Plano de Curso Orientador de aprendizagens do componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Finais, a partir da perspectiva da efetivação da Lei n.º 10.639/2003 à luz do ensino dos gêneros textuais, perspectiva que já vem sendo conduzida desde os Parâmetros Nacionais Curriculares – PCNs. Adota-se como metodologia a abordagem da análise documental de caráter qualitativo. Assim, os referenciais teóricos utilizados serão Silva (2011, 2001), Gomes (2012a, 2012b), hooks (2017), Souza Neto (2019) e Nascimento (2019). Por tratar-se de uma pesquisa em andamento os resultados esperados são mostrar e indicar a maneira como professores podem efetivar a lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira sendo orientados a partir do ensino dos gêneros textuais presentes no currículo do estado.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC. Currículo. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental Anos Finais. Acre.

⁵² Professora de Língua Portuguesa pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre (SEE/AC). Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac). Mestre em Letras: linguagem e identidade e Graduada em Letras Português pela Ufac. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). E-mail: Andressa.queiroz@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

ADINKRAS NA/EM SALA DE AULA: UMA LINGUAGEM AFRICANA COMO POSSIBILIDADE DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE LÍNGUA(GENS)

Beatriz Domingos da Silva⁵³

A disciplina de artes, enquanto atividade curricular, é comumente associada como parte da área de Linguagens, tendo em vista a utilização de diversas formas de expressão para expressar e transmitir ideias. Assim, o presente trabalho um pequeno relato de experiência da realização de uma aula sobre as influências das matrizes estéticas: indígena, africana e europeia na composição da arte brasileira, realizada com o 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais em uma disciplina de artes de uma escola pública estadual da cidade de Rio Branco-Acre. A metodologia utilizada foi uma aula expositiva e dialogada com a utilização de slides e debate sobre as influências. Aqui pretende-se utilizar a metodologia de relato de experiência. O presente trabalho utilizou-se dos referenciais teóricos que dialogam sobre o trabalho com as histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas como Nilma Lino Gomes (2012) e Munanga (2012) assim como práticas pedagógicas que promovam um ensino democrático e de qualidade. Durante a aula sobre as matrizes estéticas, foi possível inserir a temática africana a partir da utilização dos “Adinkras” uma forma de linguagem que está muito presente na vivência e na realidade em que os alunos vivem, apesar de que muitos não o identificaram logo de início, mas aos poucos foram lembrando de terem visto algumas das simbologias africanas nas grades, em logo de uma empresa de cuidados com cabelo ou nos brasões de alguns times de futebol. Podemos inferir, que os Adinkras não só estão presentes na realidade dos alunos como eles lembram e é muito importante e indispensável levar o conhecimento de que esses símbolos são tecnologias africanas de comunicação, uma rica herança deixada por esses povos e que precisa ser valorizada.

PALAVRAS-CHAVE: Adinkras. Artes. Educação Básica.

⁵³ Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Acre (SEE/AC). Mestra em Educação, Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac). E-mail: beatrizufac@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

MODALIZAÇÃO E POSICIONAMENTO EM TEXTOS DA ESFERA JORNALISTICA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO A PARTIR DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Bianca Lima de Arruda⁵⁴

O presente trabalho objetiva apresentar uma experiência pedagógica vinculada ao Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, fundamentada na aplicação da Lei nº 10.639/2003. A pesquisa justificou-se pela necessidade de romper com currículos eurocêntricos que historicamente excluíram saberes e narrativas afro-brasileiras, africanas e indígenas, configurando o que Santos (1998) denomina epistemicídio. Para isto, foi necessário planejar e aplicar uma sequência didática no componente de Língua Portuguesa que, ao abordar o objeto de conhecimento “marcas linguísticas que expressam a posição do enunciador e efeitos de sentido”, promovesse reflexão crítica sobre a forma como as escolhas de palavras e expressões conotam/ reproduzem preconceitos raciais. A metodologia adotada é caracterizada como uma abordagem qualitativa e de caráter descriptivo, tendo o percurso metodológico baseado na aplicação de uma intervenção pedagógica organizada em aulas teóricas e práticas, utilizando situações-problema, atividades dialógicas e análise de gêneros textuais da esfera jornalística. Os referenciais teóricos apoiaram-se principalmente em Bakhtin (1988), Nascimento (2019) e hooks (2017). Como resultados, constatou-se o desenvolvimento da criticidade dos alunos em relação à ideia de imparcialidade jornalística e aos discursos raciais presentes em diferentes mídias, além da valorização de identidades historicamente marginalizadas. Conclui-se que o meio jornalístico acaba por reproduzir racismo e reforçar estereótipos contra pessoas negras através da linguagem. Ademais, a experiência possibilitou um processo formativo enriquecedor, reafirmando a importância de práticas pedagógicas antirracistas que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e consciente.

PALAVRAS-CHAVES: Marcas linguísticas. Texto jornalístico. Racismo.

⁵⁴ Professora da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Estado do Acre (SEE/AC). Graduada em Letras Português e Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). E-mail: biancalimaarruda@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

CHECAGEM DE FATOS E COMBATE AOS ESTEREÓTIPOS NAS *FAKE NEWS*

Bruna Giovanna da Silva Dantas Vieira⁵⁵

O presente trabalho aborda a temática da checagem de fatos e do combate aos estereótipos presentes nas *fake news*, discutindo sua relevância no contexto educacional e social contemporâneo. A escolha do tema justifica-se pela necessidade urgente de compreender como as notícias falsas reforçam preconceitos, sobretudo raciais, alimentando o racismo estrutural e comprometendo a construção de uma sociedade democrática. O objetivo central consistiu em promover a reflexão crítica entre estudantes do Ensino Médio sobre o impacto das *fake news* e o modo como estas mobilizam estereótipos que perpetuam desigualdades. A metodologia envolveu uma intervenção pedagógica na 1ª série do Ensino Médio da Escola Presbiteriana João Calvino, em Rio Branco (AC), articulando aulas expositivas, debates, análises de casos e recursos audiovisuais. O trabalho fundamentou-se teoricamente em autores como Paulo Freire (1987), Silvio Almeida (2019), Joel Rufino dos Santos (2003) e Lélia Gonzalez (1988), que contribuíram para o embasamento crítico acerca da educação libertadora e do racismo estrutural. Os resultados evidenciaram a participação ativa dos estudantes e a ampliação de sua capacidade de análise crítica em relação às notícias, demonstrando o potencial da prática educativa antirracista e midiaticamente consciente. A experiência mostrou que a escola pode constituir-se em espaço de resistência e transformação social, capacitando jovens a questionarem discursos midiáticos e a desenvolverem práticas de leitura crítica que fortaleçam o exercício da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake news*. Estereótipos. Educação antirracista. Checagem de fatos. Letramento midiático.

⁵⁵ Graduada em Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Repórter na Prefeitura Municipal de Rio Branco. E-mail: bgiovannasilva22@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE NO ENSINO DE ESPANHOL EM RIO BRANCO, ACRE: PROTAGONISMO FEMININO NEGRO LATINO-AMERICANO EM FOCO

Jucileide Souza da Silva⁵⁶

Nas últimas décadas, intensificadas pela ampla circulação de informações nas mídias sociais, tem-se evidenciado a urgência de uma educação comprometida com a celebração e valorização da diversidade étnico-racial. Apesar da vigência das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, a superação de estereótipos historicamente enraizados nos currículos escolares e na sociedade permanece como um desafio coletivo. Neste sentido, considerando o contexto do ensino de línguas, especialmente a língua espanhola, e reconhecendo a importância da prática docente antirracista, projetamos e executamos uma intervenção pedagógica com o objetivo de compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. Tratando-se, portanto, de uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, ancorada nos pressupostos do letramento racial crítico. A intervenção pedagógica foi realizada em uma sequência de quatro aulas, com estudantes do 9º ano do ensino regular em uma escola cívico-militar de Rio Branco (Acre), tendo como eixo central a problematização das intersecções entre raça, classe e gênero, compreendendo-as como marcadores sociais estruturantes das desigualdades. Durante a realização das atividades, buscou-se promover um ensino de espanhol dinâmico, crítico e sensível à heterogeneidade de corpos, vozes e culturas. Dialogando com autoras como Barbara Carine (2023), Lélia Gonzalez (2020) e Djamila Ribeiro (2019), a intervenção pedagógica revelou não apenas o engajamento dos estudantes nos debates e leituras, mas também os impactos afetivos, identitários e críticos decorrentes do contato com narrativas e trajetórias de mulheres negras e indígenas latino-americanas no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo feminino. Antirracismo. Ensino de Espanhol.

⁵⁶ Discente de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac). Graduada em Licenciatura em Letras Espanhol e Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena pela Ufac. Professora de Língua Espanhola da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE-AC). Email: jucileide.silva@sou.ufac.br.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

ORIGEM DA HUMANIDADE SOB MÚLTIPLOS OLHARES: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ÉTNICO-RACIAL COM NARRATIVAS CIENTÍFICAS E INDÍGENAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Liriel Ferreira da Silva⁵⁷

Este trabalho objetiva apresentar uma atividade de intervenção pedagógica desenvolvida no 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Edilson Façanha, em Rio Branco – Acre, que teve como tema central as hipóteses científicas para o surgimento da humanidade, articuladas às narrativas indígenas. Por este motivo, metodologicamente, trata-se de um relato de experiência. A escolha da temática se justifica pela necessidade de superar abordagens eurocêntricas que priorizam apenas o Criacionismo e o Evolucionismo, invisibilizando os saberes de povos originários, em desacordo com as diretrizes das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. O objetivo deste trabalho é promover uma educação plural, crítica e antirracista, valorizando diferentes formas de conhecimento, ampliando a compreensão dos estudantes sobre a diversidade e o respeito às culturas indígenas. A metodologia utilizada para realizar a ação foi a pesquisa qualitativa, voltada para compreender, analisar e interpretar os fenômenos sociais e educacionais no contexto escolar, caracterizando-se também como pesquisa aplicada, pois busca produzir conhecimento com finalidade prática, intervindo na realidade para propor soluções pedagógicas capazes de transformar a prática docente., a intervenção foi realizada por meio de aulas expositivas dialogadas, exibição de vídeos, leitura coletiva de narrativas indígenas (Guarani e Shanenawa), realização de debates, pesquisas orientadas e produção coletiva de cartazes ilustrativos. O referencial teórico baseou-se em autores como Gersem Baniwa (2006) e Manuela Carneiro da Cunha (2012), que problematizam a invisibilização dos povos indígenas e reafirmam sua agência histórica.Como resultados, observou-se significativo engajamento dos estudantes, maior interesse pelas culturas indígenas e desenvolvimento de atitudes de respeito à diversidade cultural. A experiência demonstrou que é possível integrar hipóteses científicas e narrativas indígenas em sala de aula, contribuindo para a construção de sujeitos críticos e conscientes da diversidade que constitui a sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação étnico-racial. Narrativas indígenas. Ensino de História. Diversidade cultural.

⁵⁷ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/UFAC). Graduada em Licenciatura em História e Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena pela Ufac. E-mail: lirielferreira85@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

OFICINA “QUEM NÃO SABE PODE APRENDER”: CONHECENDO AS SIMBOLOGIAS ADINKRAS

Maycon David de Souza Pereira⁵⁸

As simbologias Adinkras compreendem um conjunto de ideogramas, são símbolos que constituem um sistema de escrita pictográfica e de ideias comprometidas com a preservação e transmissão de valores, utilizados para representar palavra ou conceito abstrato, encontrados nas estampas dos tecidos e na cerâmica, na arquitetura, em objetos de bronze e talhado e em peças de madeira (Nascimento, 2008). Trabalhar esses elementos é extremamente importante para que possamos desenvolver compreensões entre processos criativos artísticos com a conexão entre símbolos e experiências a partir da conexão África-diáspora, bem como o pensamento filosófico africano. Além de desenvolver múltiplas formas, ideias, conhecimentos e saberes para as práticas pedagógicas e/ou profissionais a partir dessa forma de expressão artísticas e de linguagens, em articulação com a legislação que prevê o ensino da história e cultura africana, por meio da lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), na Educação Básica, assim, trazendo outras formas de compreensão de mundo, cultura, linguagem, filosofia e arte a partir dos saberes africanos. Nesse sentido, objetiva-se apresentar a oficina ministrada em formato de disciplina no Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Ufac), no mês de novembro de 2024. Tratando-se de um relato de experiência que de acordo com Ludke e Cruz (2010) não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica, contudo, trata do registro de experiências vivenciadas. Como aporte teórico utilizei-me de Jacqueline de Castro (2007), Elisa Nascimento (2008), Eliane do Carmo (2016), Carlos de Cerqueira; Marise de Santana (2020), Renata Felinto (2022). Sendo assim, tivemos cerca de 30 discentes participantes da disciplina, bem como a confecção de ecobags em tecido algodão cru com as simbologias Adinkras e relatos de experiências sobre a vivência dentro dessa oficina e as possíveis influências em suas vidas profissionais e pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Adinkras. Arte. Filosofia. Linguagem. Oficina.

⁵⁸ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Graduado em Fisioterapia pela Faculdade Barão do Rio Branco (FAB). Discente de Licenciatura em História na Ufac. Pesquisador e Coordenador de Publicações no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Ufac (Neabi/Ufac). Editor Gerente da Revista em Favor de Igualdade Racial (Refir). E-mail: maycondavidpereira@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

DESCONSTRUINDO RACISMOS E PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS: UMA CONVERSA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Milene Rodrigues de Lima⁵⁹

O presente estudo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso, no qual esteve pautado na produção, discussão e execução de uma sequência didática voltada para o trabalho com o Estudo para as Relações Étnico-Raciais (ERER). A pesquisa se justifica e se fundamenta em duas questões específicas, a primeira foi a identificação prévia de atos e falas racistas no contexto da sala de aula; a segunda questão é a necessidade de trabalhar textos que tragam outras interpretações, outros pontos de vista e principalmente, que apresentem informações críticas sobre o processo de formação do Português brasileiro. O objetivo geral deste estudo foi estabelecer um diálogo sobre “Variação Linguística, Preconceito e Racismo Linguístico”, focando nas seguintes concepções: “falar certo” e “falar errado”, visando a reflexão sobre os diferentes modos de falar, olhar crítico sobre o processo de colonização e construção da língua portuguesa brasileira. Metodologicamente, o trabalho alinha-se à pesquisa qualitativa, a coleta de dados se desenvolveu a partir da aplicação de atividade prática em sala de aula. O referencial teórico deste trabalho se fundamentou a partir das considerações de Marcos Bagno (2016); sobre processo de formação do Português no Brasil, Lélia Gonzalez com o conceito *Pretoguês* (1980); Gabriel Nascimento sobre o tema do Racismo linguístico (2019); e Andressa Silva (2021) acerca das contribuições das línguas africanas no português brasileiro. A partir destes autores foi estabelecido um diálogo crítico sobre como se deu a construção da Língua Portuguesa no contexto brasileiro, priorizou-se romper com os ideais tradicionais que focam apenas na valorização da língua colonizadora, neste caso, o Português de Portugal. Os resultados foram analisados a partir de uma perspectiva crítica e interpretativista.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo Linguístico. Variação Linguística. Português Brasileiro.

⁵⁹ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (PPGL/Unir). Graduada em Licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: lmilene47@gmail.com.



11ª SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Nada sobre nós sem nós: acesso, permanência e protagonismo negro

O GÊNERO TEXTUAL FANZINE E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL

Natália Keully de Lima⁶⁰

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as potencialidades da união entre a Literatura Afro-brasileira e o gênero textual fanzine. O objetivo é apresentar como a criação de fanzines pode servir como uma ferramenta pedagógica e artística eficaz para a abordagem de temas, autores e obras da literatura afro-brasileira, através de produção de fanzines para uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, por este motivo trata-se, metodologicamente, de um relato de experiência. Para realizar a ação foi realizado uma pesquisa bibliográfica, embasada em teóricos como Bernad (1988), Cuti (2010), Hooks (2017) e escritores como Conceição Evaristo, Machado de Assis, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, analisa a importância da representatividade negra e da valorização de narrativas de vozes historicamente marginalizadas. Para tanto, o estudo se aprofunda na história e nas características do fanzine como um meio de produção cultural independente e acessível, capaz de democratizar o acesso à publicação e fomentar a expressão criativa. A atividade realizada demonstrou ser eficaz para engajar os alunos, promover a autonomia estudantil e cumprir a Lei n.º 10.639/03 de forma prática, construindo uma educação verdadeiramente antirracista. O resultado foi a exposição de fanzines que funcionaram como "manifestos artísticos" carregados de vozes pessoais e coletivas, sendo um trabalho que incentiva o protagonismo, desenvolve a autonomia criativa e promove uma leitura crítica e engajada, ampliando o debate sobre relações étnico-raciais no currículo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira. Fanzine. Educação. Relações étnico-raciais.

⁶⁰ Professora da Educação Básica pela Secretaria de Estado de Educação do Acre (SEE/AC). Discente de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Acre (ProfLetras/Ufac). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e Graduada em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa pela Ufac. E-mail: natalia.lima@sou.ufac.br.